



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

DESNASALIZAÇÃO EM CONTEXTO ÁTONO FINAL NO
PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ

David dos Santos Rocha

Rio de Janeiro

2016

DAVID DOS SANTOS ROCHA

DESNASALIZAÇÃO EM CONTEXTO ÁTONO FINAL NO
PORTUGUÊS DE SÃO TOMÉ

Monografia submetida à Faculdade de
Letras da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Letras na habilitação Português/ Espanhol

Orientadora: Professora Doutora Silvia Figueiredo Brandão

Rio de Janeiro

2016

Rocha, David dos Santos

Desnasalização em contexto átono final no Português de São Tomé /David dos Santos Rocha – 2016.

56 f.

Orientadora: Silvia Figueiredo Brandão. Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Espanhol) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 55 - 56.

1. Sociolinguística. 2. Português de São Tomé. I – Rocha, David dos Santos. II - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras (2016) III . Título

SUMÁRIO

1. Introdução.....	5
2. Alguns estudos sobre o tema.....	7
2.1 No âmbito do Português Europeu.....	7
2.2 No âmbito do Português do Brasil.....	15
3. Fundamentos Teórico Metodológicos.....	36
3.1 Aspectos Teóricos.....	36
3.2 Aspectos Metodológicos.....	37
3.2.1 A área da pesquisa.....	37
3.2.2 O corpus.....	37
3.2.3 Variáveis controladas.....	38
3.2.3.1 De natureza estrutural.....	38
3.2.3.1.1 No âmbito dos nomes.....	38
3.2.3.1.2 No âmbito dos verbos.....	39
3.2.3.2 De natureza social.....	40
4. Análise dos Dados.....	42
4.1 Observações preliminares.....	42
4.2 Comparação entre nomes e formas de P6 terminados em /eN/.....	44
4.3 Formas de P6 terminadas em /aN/.....	49
5. Considerações finais.....	53
6. Referências bibliográficas.....	55

1. INTRODUÇÃO

Segundo Mattoso Câmara Jr., a desnasalização consiste “na perda da qualidade nasal de um fonema, que assim se torna puramente oral” (CÂMARA JR., 1966, p. 114). Este processo é bastante produtivo durante a evolução do português como língua latina, atingindo tanto as classes gramaticais de nomes e verbos como segmentos fonológicos vocálicos e consonantais.

No presente trabalho, focaliza-se esse fenômeno em contextos silábicos átonos em final de palavra, presentes em formais nominais e em terminações verbais de P6 na fala do Português de São Tomé. As distintas probabilidades produtivas para a desnasalização podem variar de acordo com a vogal realizada ou com a presença de um ditongo. Alguns exemplos do processo em nomes e verbos encontram-se no quadro abaixo*.

Quadro 1 – Possíveis realizações para desnasalização

Nomes	Verbos
é para chamar a atenção dos hom[e]s – <i>homens</i> (ST-A-3-m)	e as coisas ficar[u] mais cara – <i>ficaram</i> (ST-A-1-h)
falando sobre reportag[I] eu não estou a ver aqui – <i>reportagem</i> (ST-A-2-m)	já não consegu[e] fazer – <i>conseguem</i> (ST-A-1-m)
porque os jov[ei]s queriam aprender – <i>jovens</i> (ST-C-1-h)	os meus pais ...já não faz[I] nada – <i>fazem</i> (ST-B-1-m)

Com relação às formas verbais de P6, o trabalho que ora se apresenta busca contribuir para os estudos morfosintáticos relacionados à concordância verbal, que têm grande importância sociolinguística para o português, devido à avaliação social. Por outro lado, o viés fonológico da pesquisa permite testar o mesmo fenômeno no âmbito das formas nominais, algumas já dicionarizadas, como “garage”. Busca-se também verificar em que estágio está o processo de desnasalização no português falado em São

* Os exemplos apresentados nesta e em outras seções têm, entre parênteses, as referências dos informantes que os enunciaram, de acordo com as convenções a seguir: ST (São Tomé), faixa etária (A = 18-35 anos; B = 36 – 55 anos; C = 56-75 anos); nível de escolaridade (1 = fundamental; 2 = média; 3 = superior) e sexo (h = homem; m= mulher).

Tomé, no sentido de contribuir para a descrição desta variedade, ainda pouco explorada em trabalhos linguísticos.

Para a realização da análise aqui apresentada, partiu-se dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e examinaram-se dados coletados de dezessete entrevistas pertencentes ao *corpus* VAPOR (Variedades do Português), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

Além desta introdução, este trabalho apresenta detalhadamente, no capítulo 2, investigações anteriores que trataram do fenômeno em estudo nos âmbitos do Português Europeu, a partir de Soalheiro (2002), e do Português do Brasil, tendo como base Guy (1982), Battisti (2002), Schwindt; Bopp da Silva (2005) e Vieira; Brandão; Gomes (2015). No capítulo 3, discutem-se questões de natureza teórica seguidas de elementos metodológicos com a apresentação do *corpus* e dos fatores controlados na pesquisa. O quarto capítulo dedica-se à descrição dos dados no *corpus* e à sua análise propriamente dita. O quinto capítulo compõe-se das considerações finais e o sexto, das referências bibliográficas.

2. ALGUNS ESTUDOS SOBRE O TEMA

2.1. No âmbito do Português Europeu

O estudo de Soalheiro (2002) resgata a questão da nasalidade átona final examinando as desinências verbais em todas as formas pessoais, denominadas pela autora de “flexão de pessoa-número”. Para o presente trabalho, se observarão as produções de terceira pessoa do plural, doravante P6, examinadas pela autora.

Soalheiro observa que o *corpus* do qual foram extraídos os dados de seu estudo fora constituído para uma finalidade distinta, o que pode ter originado determinadas dificuldades para levantar realizações produtivas que pudessem ser efetivamente analisadas. Por outro lado, as frequentes ocorrências de P6 no *corpus* permitiram o exame de alguns tempos verbais em detalhe. São eles: presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo. A amostra de dados foi constituída a partir de concretizações produtivas de nove localidades em que os falantes são nativos do Português Europeu. Tais comunidades distribuem-se sequencialmente de Oeste para Leste a seguir: Vila Praia de Âncora (VPA), Moledo (MM), Bade (Ba), Castro Laboeiro (CL), São João do Campo-Brufe (SJC), Pitões das Júnias (PJ), Santo André (SA), Sonim (So) e Travanca (Tr). A autora toma o fonema /N/ como realização padrão para a nasalidade de P6. Os dados considerados quantitativamente mais significativos obtidos pela autora em seu exame são os seguintes:

Quadro 2. Realizações de P6 em nove localidades de Portugal

Realizações de P6 de pretérito imperfeito								
VPA	MM	Ba	CL	SJC	PJ	SA	So	Tr
[ũ]	[ũ]	[ũ]	[ẽ]	[u]	[ẽw̃]	[ẽw̃]	[ẽw̃]	[ũ]

Realizações de P6 de presente do indicativo									
	VPA	MM	Ba	CL	SJC	PJ	SA	So	Tr
-AR	[ũ]	[ũ]	[ũ]	[ẽ]	[u]	[ẽw̃]	[ẽw̃]	[ẽw̃]	[ũ]
-ER	[ĩ]	[ĩ]	[ĩ]	[ĩ]	[i]/ø	[ĩ]	[ĩ]	[ĩ]	[ĩ]
-IR	[ĩ]	[ẽj]	[ĩ]	[ẽj]	[i]		[ĩ]	[ĩ]	[ĩ]

Realizações de P6 de pretérito perfeito								
VPA	MM	Ba	CL	SJC	PJ	SA	So	Tr
[ũ]	[ũ]	[ũ]	[ũ]	[u]	[ẽw̃]	[ẽw̃]	[u]	[ũ]

Nas realizações da P6 para o pretérito imperfeito, Soalheiro (2002) percebe que as localidades do Oeste e do Leste têm concretizações semelhantes entre si. No Oeste, Vila Praia de Âncora, Moledo e o Bade demonstraram a mesma realização produtiva com a redução do ditongo e a manutenção da nasalidade. No Leste, os territórios de Pitões das Júnias, Santo André e o Sonim mantiveram tanto o ditongo quanto a nasalidade nos levantamentos feitos para o estudo. Apenas Travanca manteve produção idêntica às realizações do Oeste. Soalheiro denomina ‘ilhas’ as regiões de Castro Laboeiro e São João do Campo-Brufe, pois possuem materializações fonéticas diferentes entre si e dos outros lugares.

A autora reafirma haver uma tendência parecida com relação ao presente do indicativo nos mesmos dados. Há, portanto, uma convergência comum para as mesmas realizações em Vila Praia de Âncora, Moledo e o Bade. Essas produções se repetem no extremo Leste em Travanca, enquanto as outras cidades orientais mantêm o ditongo na primeira conjugação verbal. Novamente, Castro Laboeiro e São João do Campo-Brufe demonstraram duas produções fonéticas distintas entre si e entre as outras regiões.

Para o conjunto das formas concretizadas do pretérito perfeito, Castro Laboeiro junta-se às cidades do Oeste e a Travanca no extremo leste. São João do Campo-Brufe segue como uma ‘ilha’, no sentido de apresentar uma produção diferente das outras regiões. Também mantêm o estado de realizações mais próximas às normativas as cidades do Leste, apesar de Sonim evidenciar uma materialização fonética diferente das anteriores. Soalheiro sugere que Castro Laboeiro aparece no *corpus* como uma localidade que possui produções fonéticas mais afastadas das outras cidades, o que é evidenciado tanto nas realizações do pretérito imperfeito quanto do presente do indicativo.

A autora confronta as formas desinenciais eliciadas do *corpus* com as terminações latinas dos temas verbais em análise e conclui que as formas latinas –ANT e –UNT têm atualmente correlativos formais parecidos na maior parte das localidades, à exceção de Castro Laboeiro, considerada uma ‘ilha’ fonética, e Sonim.

Soalheiro volta ao estudo de Cardeira e Fernandes (1999), que discutia o desenvolvimento das terminações nasais do Português, principalmente tendo em

consideração “*a convergência das terminações –am e –om para –ão*” (p. 220). Tendo em vista o consenso de que essa confluência se deu no século XVI e que não se sabe se, no Português arcaico, tal sequência fonêmica era dada por vogais nasais ou vogal seguida de consoante nasal, discute-se se a referida convergência se deu pela inserção de uma vogal no final da palavra, doravante “*evolução fonética espontânea*” (p. 220), ou por influência de outras formas da língua que apresentavam ditongo, doravante “*evolução analógica*” (p. 220). No sentido da evolução analógica, outros estudos centralizam-se na sequência do ditongo –ão e não põem foco o que aconteceu com outros ditongos nasais, inclusive alguns ainda encontrados na fala do Norte de Portugal e no Galego.

Soalheiro retoma os estudos de Lorenzo (1988) e Carvalho (1988), que para chegar à descrição das vogais no Português antigo, tomam como ponto de partida o quadro fonológico atual do Galego, considerando que tal língua guarda características conservadoras em relação ao Português. Eles acreditam que o Galego-português mostraria duas formas de terminações diferentes para o contexto em exame: uma sequência com vogal nasal que constitui um hiato com a vogal seguinte; e duas terminações nasais seguidas de consoante nasal velar, sejam –am e –om, como [aŋ] e [oŋ]. A sequência de vogais em hiato sofreu processo de ditongação e esse processo se desdobrou às terminações átonas do segundo grupo. De certa maneira, Carvalho (1988), segundo Soalheiro, acredita também na existência de um elemento consonântico nasal no final dessas desinências que ainda hoje é preservado no Galego, mas sofreu um processo de vocalização no Português, gerando os ditongos [ẽỹ], [õw̃] e [ãw̃], o que pode ser esclarecido pelo ponto de articulação para as vogais /e/ e /o/ e pela preservação do ponto de articulação velar da materialização produtiva da consoante /N/. Soalheiro mostra que Mattos e Silva (1991) compartilha de um ponto de vista parecido.

Assim, no âmbito da convergência de –am e –om em –ão, é possível aderir à ideia de que, segundo a autora, entre os estudiosos, há uma conformidade em afirmar que o processo de ditongação ocorreu primeiramente nas terminações tônicas e, num momento posterior, se estendeu às átonas. A autora mostra que Martins (1995) observou que, em dialetos portugueses, há uma ratificação da interdependência entre os processos de acentuação e ditongação. Quando uma vogal se prolonga em contextos tônicos, esta tende a se ditongar. O oposto ocorre em contextos átonos: ditongos átonos com vogais

de menor duração tendem a sofrer o processo de monotongação. Segundo Soalheiro, esse ponto de vista é partilhado também por Parkinson (1997) e Carvalho (1988). A autora também afirma que, para a convergência em [ãw̃], há concordância entre a maioria dos autores em dizer que, provavelmente, a ditongação ocorreu em momento anterior à emergência de ditongos nasais. Ademais, deve-se considerar a existência de uma possível forma [ɔ̃], aproximadamente [ɑ], como concretização nasalizada do fonema associado seguido de uma consoante nasal.

Soalheiro indica que outros autores, como Cardeira e Fernandes (1999), sugerem que as desinências átonas não teriam evoluído para o ditongo *-ão* atual em todas as regiões de fala do Português Europeu. Para a autora, Lorenzo (1988), Mattos e Silva (1995) e Parkinson (1997) entram em um consenso de que, nas falas dialetais da Região Meridional de Portugal, a ditongação convergiu para [õw̃] ou [õ], como evolução das terminações latinas *-one*, *-ane* e *-anu*. A teórica afirma, ainda, que Carvalho (1988) sugere que, além do Galego, o dialeto de Trás-os-Montes também mantém relativas características do estado antigo do Português; e Martins (1995) indica que o timbre de algumas vogais finais foi alterado na passagem ao Português, como a terminação *-UNT* latina, que resulta, hoje, em *-ã* em dialetos falados entre o Douro e o Minho.

Soalheiro revisita um estudo quantitativo realizado por Cardeira e Fernandes (1999) no tocante às grafias de *-am* e *-om* dos dialetos nortenhos nas décadas de 1380, 1390 e 1400. Segundo Soalheiro (2002), as autoras notaram que, nas desinências verbais, eram indistintas as formas de pretérito perfeito do indicativo. Além disso, as terminações provindas da forma latina *-ANT* apresentavam uma grafia que convergia em [u]. A autora acredita que, em comparação a esse e outros exames com o próprio *corpus*, nas localidades meridionais, a convergência de *-am* e *-om* em *-ão* não tenha se concretizado. Esse fato lhe permite afirmar que, possivelmente, após a distinção etimológica entre *-am* e *-om*, ambas as formas se confundiam num momento histórico seguinte e, posteriormente, convergiram para [u] (*-om* / *-UNT*). A ditongação para *-ão*, “devido à dissimilação do primeiro elemento do ditongo” (p. 226) ocorreu no Português *standard* e não atingiu todas as suas variedades linguísticas. Assim, as regiões analisadas acima seriam, de fato, conservadoras em relação às outras.

Com base no exposto anteriormente, Soalheiro desenvolve duas hipóteses para as zonas linguísticas de que se ocupa seu estudo: (a) não houve convergência em *-ão*,

para o que se consideram as alternativas de (i) ter-se mantido a distinção histórica entre *-am* e *-om* ou (ii) ambas as formas convergiram para *-om* e se realizaram como [u]/[ũ]; e (b) houve convergência de *-am* e *-om* em *-ão* e, seguidamente, deu-se um processo de simplificação do ditongo nasal átono final.

Para a questão da nasalidade no Português Europeu, Soalheiro retoma os estudos de Mateus (1975), Andrade (1974) e Mateus; Andrade (2000). Segundo a autora, Andrade (1974) sugere que, em Português, uma vogal nasalizada em final de palavra, sofre ditongação com a inserção paragógica de um glide que “*combina*” com esse segmento. Mateus (1975) acresce, ainda, que a vogal nuclear não precisa ser acentuada para sofrer o processo de ditongação e que a centralização dessa mesma vogal é posterior à inserção do glide. Posteriormente, de acordo com Soalheiro, Mateus; Andrade (2000), com base na fonologia autosegmental, indicam que a nasalidade é um tipo de segmento flutuante que está aportado à estrutura silábica constituinte. O traço nasal se mantém resguardado independentemente de estar associado a uma posição no esqueleto silábico, seja por aplicação nasal a uma vogal ou por meio de uma consoante.

Assim, a nasalidade fonológica pode se relacionar ao esqueleto silábico por intermédio de um elemento não-estrutural que pode se ligar à raiz de uma sílaba quando esta se compuser de um elemento nuclear em final de palavra seguido ou não de ataque preenchido ou quando a nasalidade em si é seguida de um ataque vazio, em que se estrutura como consoante nasal. Segundo Soalheiro (2002), este último caso ocorre somente em palavras derivadas por ser morfologicamente condicionado.

A autora revisita também a distinção que fazem Mateus; Andrade (2000) com relação aos ditongos leves – que ocupam apenas uma posição no esqueleto silábico – e os ditongos chamados pesados – que ocupam duas posições no esqueleto silábico.

Os ditongos átonos ou leves, presentes em nomes ou verbos, apresentam um autosegmento nasal flutuante que, no caso de estar relacionado à rima silábica, aplica a nasalidade no núcleo da estrutura, permitindo, a seguir, a inserção de um glide epentético por uma regra de ditongação. Esse segmento semivocálico possui traço [+alt] e não é fonológico, se materializa apenas em realizações fonéticas. Soalheiro mostra ainda que Mateus; Andrade (2000) notaram que esse ditongo fonético pode se reduzir a uma vogal oral ou desaparecer em formas nominais, como “órfão”, sendo [’ɔrfũ] ou [’ɔrfu]; e “homem” pode realizar-se como [’ɔmĩ] ou [’ɔmɨ].

Retornando à própria hipótese e *corpus*, Soalheiro indica que, nas localidades que compõem seus dados, a assimilação do traço de nasalidade não desencadeia o processo de ditongação, como sugerem Mateus; Andrade, levando apenas a um alteamento vocálico átono que pode aparecer eventualmente com concretização nasal. Conforme afirma a autora, em São João do Campo-Brufe não há sequer aplicação da nasalidade para o núcleo silábico. Isso causaria indistinção nos casos em que a nasalidade é integrante para diferenciar determinadas desinências verbais. Essa diferenciação se daria, portanto, através do contexto de fala.

Soalheiro confronta as hipóteses e propostas mencionadas anteriormente com os dados obtidos em seu *corpus*, como se expõe no quadro a seguir.

Quadro 3. Confronto de hipóteses sobre a realização de P6, na análise de Soalheiro (2002)

Tempo verbal	Conjugação	Forma subjacente	Dados Esperáveis	Dados Obtidos
			Realização da vogal final	Realização da vogal final
Presente Indicativo	1ª Conj.	/fal+a]St N/	[ẽ]	[ẽ] [ũ] [u]
	2ª Conj.	/bat+e]St N/	[ĩ] / [i] ([i])	[ĩ] [i] [i]
	3ª Conj.	/part+i]St N/	[ĩ] / [i] ([i])	[ĩ] [i]
Pretérito Imperfeito		/fal+a]Stva+N/	[ẽ]	[ẽ] [ũ] [u]
Pretérito Perfeito		/fal+a]StraN/	[ẽ]	[ũ] [u]
		/fal+a]StroN/	[ũ] ([u])	

Fonte: Soalheiro(2002)
Tabela: (p.234)

Para o pretérito perfeito do indicativo, uma possível concepção do morfema desinencial como /roN/ permitiria compreender as concretizações [ũ]/[u]. Entretanto, isso não leva a uma análise conclusiva sobre as realizações da 1ª conjugação do presente do indicativo e pretérito imperfeito. Sendo assim, Castro Laboeiro seria a única localidade envolvida por tais proposições, já que possui similaridades com o Galego, no sentido da manutenção de terminações desinenciais históricas e tendências conservadoras em relação ao resto de Portugal.

Para analisar o caso da primeira conjugação do presente do indicativo e do pretérito perfeito de maneira mais simples, Soalheiro volta a Bisol (1989) em um ponto

de vista que analisa o ditongo *-ão* átono como representado pela sequência /oN/, em que o autosegmento flutuante de nasalidade não inicia um processo de ditongação. Sendo assim, o segmento nuclear coloca-se num estado suscetível ao processo de alteamento vocálico, uma marca do Português. Segundo Soalheiro, Bisol (1989) sugere que esse é um artifício comum em dialetos populares do Português, dado por uma “*grande generalização*”. Ao selecionar a forma variante mais simplificada, o falante livra-se da ambiguidade própria do ditongo *-ão* e do traço fonológico de nasalidade, considerando a posição consonantal que o segmento adquire no travamento silábico. A autora ainda indica que a pronúncia [ẽ] nesses contextos se dá pela interpretação em /aN/ da forma desinencial, em que não ocorre desencadeamento do processo de ditongação.

Com relação aos casos das segunda e terceira conjugações do presente do indicativo, o traço nasal flutuante não motivaria a emergência do ditongo e o elemento vocálico seria alteado, com a possibilidade de centralização vocálica na segunda conjugação.

É possível notar que, das regiões analisadas por Soalheiro em seu *corpus*, as três localidades mais ocidentais preferem as formas [ũ] e [ĩ]. Em contrapartida, nas cidades do Leste, que são dadas às realizações padrão do Português, há variação entre a forma ditongada [ẽw̃] – derivada da desinência latina –ANT – e [ĩ] – proveniente da sequência latina –ENT. Para a forma [ẽj], a autora indica que não há manutenção do ditongo, assim como também não se dá a concretização de [ẽw̃] como [ũ], o que, segundo ela, se choca com a hipótese de Parkinson (1997) de que a simplificação do ditongo [ẽj] seja mais difundida nas localidades portuguesas do que a realização de [ũ]. As regiões de Castro Laboeiro e São João do Campo-Brufe são as que apresentam formas mais afastadas das demais e, segundo a autora, isso se dá por sua aproximação dialetal com o Galego e a contínua frequência de formas não-nasalizadas em São João do Campo-Brufe.

Soalheiro defende a não-convergência de *-am* e *-om* em *-ão*, dadas as concretizações de seu *corpus* que não seguem as formas padrão do Português. A autora se refere às condições produtivas como um processo em desenvolvimento das formas estudadas. Nessa evolução, Castro Laboeiro demonstra um estado evolutivo anterior da

língua graças à manutenção de formas consideradas históricas e terminações etimológicas. Nas outras localidades, convergem as formas analisadas em [ũ]/[u] que indicam um estado posterior na evolução linguística de tal processo, o que leva à interpretação dos morfemas verbais por formas não tradicionais. Por fim, as concretizações em [ẽw̃] sinalizam o estágio mais avançado do processo evolutivo linguístico. A autora observa que estudos sobre a nasalidade em outras línguas românicas podem auxiliar na compreensão do funcionamento desse traço em Português e do próprio processo de convergência em *-ão* em si, já que existiriam poucas análises sobre o assunto.

Ainda sobre o problema da convergência em *-ão*, Williams (1975), em sua obra *Do Latim ao Português*, relembra que a fusão das formas *-am* e *-om* em uma forma idêntica já estava finalizada na segunda metade do século XV. O autor afirma que há evidências de que o processo teria se iniciado no século XIII, mas não é possível afirmar que a sequência *-om* teria participado da fusão nesse momento. Isso traz à tona a ideia de que vocábulos com essa terminação teriam adquirido, posteriormente, a forma *-ão* por analogia às produções já existentes. Williams indica que a grafia *vaão* em documentos medievais, junto a outras palavras terminadas em *-am* e *-om*, é derivada da forma latina *uadunt* e é uma indicação de que é por analogia a *vaão* que *-ão* se tornou a desinência de terceira pessoa do plural, que, posteriormente, foi estendida às outras formas nominais. O autor afirma, ainda, que, no século XV, quando essas terminações “*já haviam se fundido em data anterior*” (pág. 183), é comum encontrar *-am* tônico em substantivos e *-om* átono em verbos. Esse dado não refuta a convergência fonológica em *-ão*, mas indica que *-am* poderia ser usado graficamente para a sequência analógica *-ão* quando em contexto tônico, e *-om* quando em contexto átono, principalmente em verbos na terceira pessoa do plural.

Com relação à terminação *-em* na terceira pessoa do plural em tempos verbais como o infinitivo pessoal e o presente do subjuntivo, Williams recorda que elas são derivadas da desinência latina *-ent*. Como regra etimológica, a consoante *-t* final sofreu queda durante o latim vulgar. Para a consoante final *-n*, o autor afirma que “*Mais tarde, nasalizou a vogal precedente, mas perdeu seu valor consonantal*” (p. 103). Tal afirmação entra em concordância com o que mostra Soalheiro (2002) a partir de Mateus; Andrade (2000): a nasalidade pode ser compreendida como um elemento não-

estrutural, flutuante, ligado à raiz da sílaba. Segundo Williams, as vogais [e] (átona) e [ɛ] (tônica) do latim vulgar, seguidas de consoante nasal, tornaram-se [ẽ] e [ẽ̃] em Português e, posteriormente, sofreram ditongação para as formas [ẽj] e [ẽ̃j], e [ẽj] na área entre Lisboa e Coimbra.

2.2. No âmbito do Português do Brasil

Com relação ao português do Brasil, o estudo pioneiro de Votre (1978) trabalha com uma variável dependente distinta das investigações seguintes: a preservação da nasal final. O *corpus* de Votre foi extraído da fala de 13 (treze) informantes residentes do Rio de Janeiro. Nove deles são alfabetizandos do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), três universitários e um estudante do segundo grau. Votre opôs formas finais orais e formas finais nasais. Na sua análise, as variáveis linguísticas obtiveram maior relevância do que as variáveis extralinguísticas. A primeira delas, o contexto fonológico precedente ou seguinte, indicou que vogais e consoantes altas favorecem a redução nasal, como nos vocábulos *queriam* e *viagem*. Enquanto, por outro lado, elementos em posição anterior com traço mais baixo tendem a manter a nasalidade, como *mag^oam* e *mud^aam*. Para o contexto seguinte, os resultados indicaram que consoantes tendem a manter a nasalidade, como *vivem lá*, enquanto pausas e vogais (*vivem aqui*) forçam sua queda. A variável classe morfológica demonstrou que a manutenção da nasalidade é maior em substantivos. Para a tonicidade, vocábulos monossílabos, como *vem*, indicaram a preservação absoluta da nasal em comparação com dissílabos (*vivem*) e polissílabos (*escolhem*). No que tange às variáveis extralinguísticas, Votre mostra que a faixa etária é a variável mais relevante para a preservação da nasal final. Falantes jovens tendem mais ao apagamento desse segmento do que os mais velhos, o que indicaria um processo de mudança linguística. Essa tendência se confirma pela variável grau de escolaridade, que demonstrou que os estudantes universitários mantêm em maior número o segmento nasal em comparação com os alfabetizandos.

Guy (1982) – que teve por objetivo estudar as regras de concordância nominal e verbal de terceira pessoa do plural com base em amostras coligidos da fala de indivíduos em fase de escolarização e vinculados ao Programa MOBREAL – focaliza o

processo de desnasalização em encontros vocálicos átonos finais em verbos e em nomes para melhor aferir a atuação do cancelamento da marca de número nos verbos. As hipóteses baseadas nas possíveis restrições sofridas pelo processo indicariam determinadas variáveis que norteiam a análise.

Pelo histórico de assimilação nasal do Português, Guy testa os segmentos antecedente e seguinte ao encontro vocálico que possam influenciar o processo de desnasalização. A qualidade da vogal nasal também foi considerada relevante para o estudo, embora o autor afirme que outras regras podem alterar o *status* qualitativo desse segmento, além da categoria morfológica da palavra, que também se mostrou proeminente para a análise. O autor excluiu de seu *corpus* ditongos em ambientes tônicos, que inibem categoricamente a desnasalização. As variáveis sociais analisadas – o estilo de fala (se é monitorado ou não), sexo e idade – não se mostraram relevantes na análise.

Quanto ao *Contexto antecedente*, o autor busca testar a possibilidade de assimilação progressiva (como *muito*) e influência de consoantes palatais e velares para o favorecimento da desnasalização. Para isso, agrupou consoantes palatais e velares num único fator. Assim, essa variável consiste de quatro fatores: consoantes nasais, consoantes palatais e velares, outras consoantes e vogais. No caso de vogais antecedentes ao ditongo, as ocorrências são majoritariamente de verbos (como *sabiam*), e o autor optou, num primeiro momento, por retirá-los da análise. Os resultados encontram-se na Tabela a seguir.

Tabela 1. Atuação da variável *Contexto antecedente* na análise de Guy (1982)

Efeitos do <i>Contexto antecedente</i> para a desnasalização			
Contexto	%	Nº	Prob.
N	46	507	.25
Palatal+velar	85	553	.76
Outros	67	1644	.49

Fonte: Guy (1982)
Tabela: (p. 209)

As indicações confirmam que uma consoante nasal presente em contexto anterior ao encontro vocálico desfavorece a aplicação da regra de desnasalização. Por outro lado, consoantes palatais e velares, assinaladas com os traços [+alto] [+posterior], favorecem a desnasalização. O autor afirma que esse favorecimento pode se ter dado

pela grande presença de realizações africadas para as consoantes antecedentes em palavras como *ontem* e *ordem*, sejam /õtʃi oxdʒi/. Segundo Guy, a palatalização dessas consoantes seria um resultado da desnasalização e não um desencadeador do processo. Ainda assim, a retirada de vocábulos como esses do *corpus* manteria alta a probabilidade de aplicação do processo – entre .60 e .40. Outro motivo para os resultados seria o número de palavras terminadas em *-agem*. Guy relembra que esse sufixo tem histórias diversas na Península Ibérica, tendo sido já desnasalizado em espanhol. Por fim, há também uma motivação articulatória para os resultados. Em consoantes palatais e velares e outras consoantes surdas, o véu-palatino encontra-se fechado no momento da produção, estendendo, assim, seu estado à realização da vogal seguinte e impedindo a ressonância do ar na cavidade nasal.

No exame da *Qualidade da vogal*, Guy mostra que ditongos átonos retêm quase categoricamente sua nasalidade como sílabas tônicas o fazem. Seus primeiros resultados expõem na tabela a seguir.

Tabela 2. Índices referentes à variável *Qualidade da vogal* na análise de Guy (1982)

Porcentagem de Desnasalização pela Qualidade da Vogal		
Contexto	%	Nº
i	67	1216
ey	1	297
e	33	84
u	64	1141
aw	0	148
a	90	268

Fonte: Guy (1982)
Tabela: (p. 214)

Com esses resultados, o autor relembra que há um senso comum de que os ditongos são consequência da nasalização histórica do Português. Guy propõe duas alternâncias para as produções, dado o quadro de vogais átonas finais do português. São elas: /ãw̃ ~ ã/ e /ẽỹ ~ ã/. Optou-se, a partir daí, por amalgamar alguns fatores de modos distintos na análise seguinte. Os ditongos seriam variantes nasalizadas dos monotongos não-altos /e a/. Nesse sentido, os resultados, juntando os novos fatores, mostrariam 65% de desnasalização em vogais altas e 47% em não-altas. A seguir, dada a proposição de que vogais anteriores também mostrariam maior tendência à nasalidade do que vogais

posteriores, os resultados demonstrariam 53% de desnasalização para vogais anteriores e 62% para vogais posteriores, considerando a análise dos dados opondo tais vogais.

De maneira geral, os resultados dessa etapa de análise indicam que vogais altas estariam mais propensas à desnasalização do que vogais mais baixas.

Guy nota que a regra de alteamento do Português em sílabas átonas pode enviesar a análise, considerando que a porcentagem de desnasalização em vogais não-altas anteriores (8%) é distante dos resultados para vogais altas (67% para /i/ e 64% para /u/). O autor decide, portanto, realizar uma análise em que considera 17,2% das realizações em /i/ antes que ocorresse o alteamento da vogal /e/. Essa porcentagem opõe-se as ocorrências de monotongos /a/ e /ã/. Assim, a análise deriva nos resultados expostos na Tabela a seguir.

Tabela 3. Índices referentes à desnasalização de vogais antes de sofrerem alteamento, *na análise de Guy (1982)*

Distribuição estimada de vogais antes da ocorrência de alteamento		
Vogal	%	Nº
i	60	1025
e, ey	39	572
u	64	1141
a, aw	58	416

Fonte: Guy (1982)
Tabela: (p. 216)

Para o autor, as indicações confirmam que vogais altas tendem a ser mais desnasalizadas do que as não-altas e vogais posteriores sofrem maior redução nasal do que vogais anteriores. Guy realizou ainda uma análise opondo os fatores restantes da variável.

Tabela 4 – Atuação da Qualidade da vogal para a desnasalização, *na análise de Guy (1982)*

Probabilidade de Desnasalização pela Qualidade da Vogal	
Contexto	Prob.
Monotongos	.94
Ditongos	.06
Anterior	.48
Posterior	.52

Fonte: Guy (1982)
Tabela: (p. 217)

É possível perceber, por esses resultados, que o processo de redução em sílabas átonas está em estágio mais avançado em formas monotongadas. Essas formas sofrem ambos os processos redutivos de monotongação e desnasalização. As sílabas com núcleo simples, por possuírem menos força do que as sílabas com núcleo complexo, estão mais sujeitas a processos fonológicos de redução fonêmica. Segundo o autor, apesar da oposição anterioridade-posterioridade apontar na direção esperada, esses fatores seriam pouco relevantes em análises futuras, provavelmente devido à proximidade ao ponto neutro. Ademais, a baixa probabilidade de desnasalização em ditongos enviesaria a investigação. Assim, ambos os fatores foram desconsiderados nos exames posteriores.

Para a variável *Segmento seguinte*, Guy relembra que a possibilidade de nasalização regressiva é produtiva sincronicamente em Português. A fim de testar o contexto, foram considerados cinco fatores— consoante nasal (N), consoante oral (K), vogal nasal (~V), vogal oral (V) e pausa (#)—, conforme se verifica na Tabela a seguir.

Tabela 5 – Atuação do *Contexto seguinte* para a desnasalização, na análise de Guy (1982)

Efeito do contexto seguinte na desnasalização			
Contexto	%	Nº	Prob.
_V	84	615	.76
_K	71	1101	.64
_#	61	483	.45
_~V	52	146	.38
_N	40	380	.26

Fonte: Guy (1982)
Tabela: (p. 218)

Os resultados indicaram os efeitos na direção esperada. As vogais átonas finais tendem a assimilar a nasalidade de segmentos nasais seguintes, sejam eles elementos vocálicos ou consonantais. Entretanto, dada a preferência histórica do Português por manter a nasalidade mais diante de uma consoante do que de uma vogal, o autor optou por fazer uma análise considerando a natureza consonantal ou não do elemento seguinte.

Tabela 6 – Atuação dos traços do *Contexto seguinte* para a desnasalização, na análise de Guy (1982)

Análise de traços para contexto seguinte	
Consonantalidade	Prob
+cons	.43
-cons	.57
Nasalidade	Prob
+nas	.31
-nas	.69

Fonte: Guy (1982)
Tabela: (p. 220)

Para tal exame, Guy optou por suprimir a pausa como elemento seguinte, considerando-a “silêncio” em contrapartida a um contexto preenchido. Esses resultados demonstram que um contexto seguinte consonantal diminui a probabilidade de desnasalização, principalmente se esse segmento for nasal, enquanto preenchimentos não-consonantais tendem à aplicação da regra variável de desnasalização.

Na análise da variável *Categoria morfológica*, Guy considera, pela primeira vez no exame fonológico, as produções verbais do *corpus*. Os fatores se dividem em Não-verbos, pretéritos e “querem, fazem, dizem, etc”. O autor separou essas três últimas formas por motivos históricos. Embora elas sejam denominadas irregulares pelas suas formas no singular (*quer, faz, diz*), a conjugação no singular perdeu uma vogal /i/ (ortográfica <e>) que havia depois das consoantes /l, r, n, z/ durante a história do Português. Por esse ângulo, optou por separar uma categoria verbal.

Tabela 7 – Atuação do *Tipo morfológico do verbo* para a desnasalização, na análise de Guy (1982)

Efeitos do tipo morfológico para desnasalização			
Contexto	%	Nº	Prob.
Não-verbos	66	1258	.56
Pretéritos	68	1329	.56
Querem, fazem, dizem	53	117	.38

Fonte: Guy (1982)
Tabela: (p. 224)

Para Guy, esses dados sugerem que a aplicação da regra de desnasalização é condicionada majoritariamente por questões fonéticas, mais do que por questões de natureza morfológica.

Logo, Guy adiciona a suas análises as realizações nasais átonas de verbos regulares do português. O autor reafirma o caráter duvidoso dessas produções pela impossibilidade de aferir se uma redução nasal em verbos é fruto de processos fonético-fonológicos ou da não-marcação de plural em tais formas.

Tabela 8 – Pesos relativos referentes às variáveis *Contexto antecedente* e *Contexto seguinte*, na análise de Guy (1982)

Possibilidades de restrição para nasalização com verbos regulares	
Contexto antecedente	
Nasais	.30
Consoantes palatais e velares	.66
Outras consoantes	.49
Vogais	.56
Contexto seguinte	
_V	.71
_K	.58
_#	.42
_~V	.42
_N	.36

Fonte: Guy (1982)
Tabela: (p. 229)

Guy nota que a inclusão de verbos regulares na análise, move os referidos pesos relativos anteriores em direção ao ponto neutro, à exceção de pausa em contexto seguinte. Segundo o autor, isso se deve à natureza “*ambígua*” dos verbos e, para o caso de contexto seguinte de pausa, ela pode favorecer a regra de não-marcação de plural em verbos regulares.

A inserção dos verbos regulares também altera o quadro de probabilidades da variável *Categoria morfológica*.

Tabela 9 – Atuação da variável *Categoria morfológica*, na análise de Guy (1982)

Efeitos da categoria morfológica para a desnasalização	
Contexto	Prob.
Verbos regulares	.69
Fazem, querem, etc.	.33
Verbos no pretérito	.48
Não-verbos	.50

Fonte: Guy (1982)

Com este resultado, é possível afirmar a relevância de fatores morfológicos para aplicação da regra de desnasalização no estudo de Guy. O autor conclui que o processo de desnasalização em terminações verbais na terceira pessoa do plural é completamente bloqueada pela acentuação quando tônica. Desinências átonas tendem mais às formas superficiais reduzidas, nasalizadas ou não.

Com relação aos nomes, os resultados de Guy indicam que segmentos vocálicos orais posteriores ao contexto em estudo tendem à redução nasal, seguidos de consoantes não nasais. Isso indica a necessidade de se considerar a possibilidade de juntura vocabular durante a concretização de dito contexto.

Mais recentemente, a redução de ditongos nasais em contexto átono foi observada observada com base em *corpora* representativos da fala da Região Sul.

Entre os estudos realizados nessa área do país, encontra-se o de Battisti (2002), que focalizou o tema em sílabas átonas finais apoiando-se no Banco de Dados do Projeto VARSUL. Na sua análise variacionista, a linguista controlou 3 (três) variáveis extralingüísticas. Com a variável *localização geográfica*, levaram-se em conta os estados do Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC) e Paraná (PR), dada a hipótese de que a probabilidade de aplicação da regra seria diferente em cada comunidade; a variável *escolaridade* considerou o tempo de escolarização de cada informante: de 0 (zero) a 4 (quatro), 5 (cinco) a 8 (oito) ou 9 (nove) a 12 (doze) anos. Foi computada a variável *sexo*, dada a hipótese de que os papéis sociais que desempenham homens e mulheres e os grupos sociais em que convivem afetam a escolha de produção de uma ou outra variável.

Com relação às variáveis linguísticas, analisou-se o *contexto fonológico precedente*, que corresponde ao tipo de traços da consoante do ataque da sílaba (nasais, anteriores, posteriores) ou se o ataque silábico é não-preenchido. Na variável *contexto fonológico seguinte*, considerou-se a natureza do segmento inicial de vocábulo, se é nasal, não-nasal, vogal ou pausa. A variável *vogal do ditongo* observou se /a/, /e/, /o/ são elementos nucleares do encontro vocálico. Para a variável *classe de palavra*, considerou-se a presença do encontro vocálico átono nasal em verbos, substantivos, advérbios, adjetivos e, separadamente, nomes em *-gem*.

Foi analisada a fala de 90 (noventa) informantes, 30 (trinta) para cada estado, sendo 18 (dezoito) para cada uma das capitais: Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC), Curitiba (PR); e 6 (seis) para cada uma das outras cidades, sendo 2 (duas) para cada estado: Flores da Cunha (RS), São Borja (RS), Lages (SC), Chapecó (SC), Irati (PR), Londrina (PR).

Obtiveram-se 5.644 ocorrências de ditongos nasais átonos. A análise computacional foi feita com o apoio do programa Varb2000 e os grupos de fatores foram selecionados na seguinte ordem: *localização geográfica, classe de palavra, contexto fonológico, vogal do ditongo, escolaridade, sexo*. Apesar da variável *vogal do ditongo* ter sido selecionada como fator condicionante para a aplicação da regra, os dados referentes a /o/ enviesaram a análise. Tentou-se, ainda, a junção entre as vogais /e/ e /o/, contudo, obtiveram-se pesos relativos intercambiáveis entre /a/ e /e/+/o/. Assim, essa variável foi retirada da análise.

A variável morfológica *Classe de Palavra* foi apontada como a de maior relevância. Entretanto, as ocorrências dos fatores *Advérbio* e *Adjetivo* incorporaram também porcentagens reduzidas e pesos relativos enviesados. Todas as concretizações referentes ao fator *Advérbio* são do vocábulo *ontem (anteontem)*, algo semelhante ao que ocorre no presente estudo. Por tais motivos, a autora preferiu juntar esses dois fatores a *Substantivos* na família dos *Nomes*. Por outro lado, as realizações do fator *Verbo* estenderam-se por 90% (noventa por cento) do *corpus*, razão pela qual esse fator foi dividido nos grupos *Forma verbal no pretérito* e *forma verbal em não-pretérito*.

A revisão dos fatores resultou na seguinte tabela:

Tabela 10. Atuação da variável Classe de palavra no estudo de Battisti (2002)

Fatores	Peso Relativo
Nomes em –gem (<i>bobagem</i>)	0,77
Nomes (subst.+adj.+adv.) (<i>homem</i>)	0,64
Forma verbal no pretérito (<i>faziam</i>)	0,50
Forma verbal em não-pretérito (<i>fazem</i>)	0,44

Fonte: Battisti (2002)

Tabela: Classe de palavra – fatores revisados (p.194)

A autora reforça a eliminação, típica do Português Brasileiro, do encontro vocálico átono nasal final na sílaba –gem, como *garagem*. Battisti (2002) ressalta, ainda, que a redução dos ditongos nos verbos não é tão produtiva devido ao fato de que

a nasalidade possui função gramatical. Metodologicamente, a eliminação do fator *Verbo* e seu posterior reagrupamento em 2 (dois) fatores resultou na melhor distribuição dos dados e na obtenção de melhores resultados.

Embora tenha se assegurado anteriormente que palavras terminadas em *-gem* tendem à aplicação da regra, a variável *Contexto fonológico precedente* não alcançou peso relativo necessário para que se colocasse como condicionadora do processo.

Tabela 11. Atuação da variável *Contexto fonológico precedente* no estudo de Battisti (2002)

Fatores	Peso Relativo
Consoante não-nasal post. (<i>busquem</i>)	0,53
Consoante não-nasal ant. (<i>gritem</i>)	0,51
Consoante nasal (<i>comem</i>)	0,49
Onset vazio (<i>iam</i>)	0,37

Fonte: Battisti (2002)
Tabela: Contexto fonológico precedente (p.195)

A autora chama a atenção para a diferença dos resultados entre preenchimento e não-preenchimento de ataques silábicos e indica que, diante de um ataque não-vazio, há tendência para o emprego moderado da variável em análise.

Para a variável *Contexto fonológico seguinte*, a presença de uma vogal em início de vocábulo favorece a redução nasal, como *homem amigo*, enquanto palavras com consoantes nasais beneficiariam a manutenção da nasalidade, como *homem maduro*. Para Battisti, tal condição provavelmente se deve aos diversos contextos de tonicidade da sílaba inicial em palavras seguintes. Assim, a redução silábica se daria no caso de estar seguida de uma sílaba átona.

Tabela 12. Atuação da variável *Contexto fonológico seguinte* no estudo de Battisti (2002)

	Peso Relativo
Palavra iniciada por vogal (<i>homem amigo</i>)	0,60
Palavra iniciada por consoante não-nasal (<i>homem casado</i>)	0,48
Palavra iniciada por consoante nasal (<i>homem maduro</i>)	0,43
Pausa	0,44

Fonte: Battisti (2002)
Tabela: Contexto Fonológico Seguinte (p.196)

Dentre o grupo de variáveis sociais analisadas, a *Localização geográfica* demonstrou ser a de maior relevância.

Tabela 13. Atuação da variável *Localização geográfica* no estudo de Battisti (2002)

	Peso Relativo
Santa Catarina	0,68
Rio Grande do Sul	0,46
Paraná	0,35

Fonte: Battisti (2002)
Tabela: Localização geográfica (p.197)

Segundo a autora, tais resultados demonstram que a desnasalização em contexto átono final tem produtividade maior em Santa Catarina (SC) e menor no Paraná (PR). No Rio Grande do Sul (RS), ainda há equilíbrio, com tendência à manutenção do ditongo.

Na análise variacionista, a variável *Escolaridade* alcançou pesos relativos quase neutros.

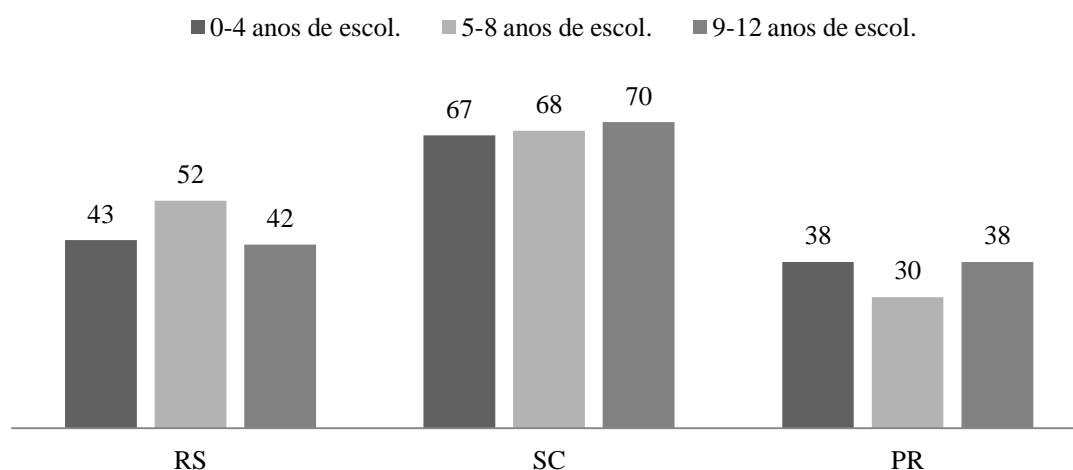
Tabela 14. Atuação da variável *Escolaridade* no estudo de Battisti (2002)

	Peso Relativo
0-4 anos de escolaridade	0,54
5-8 anos de escolaridade	0,51
9-12 anos de escolaridade	0,45

Fonte: Battisti (2002)
Tabela: Escolaridade (p.197)

Esses números demonstram uma variação escalar, indicando que, quanto maior o tempo de escolaridade, mais garantida estaria a manutenção da nasalidade. Entretanto, a proximidade ao ponto neutro desses fatores levou a pesquisa a juntar alguns deles sem maiores consequências. Battisti (2002) realizou um cruzamento entre os fatores *Escolaridade* e *Localização Geográfica*, o que ratificou os indicadores percentuais diferentes para cada um dos estados sulinos. Por outro lado, não confirmou o desempenho escolar como condicionador da regra variável de desnasalização, já que cada um dos estados apresentou diferentes indicativos para escolaridade.

Quadro 15. Localização geográfica e escolaridade no estudo de Battisti (2002)



Fonte: Battisti (2002)

Gráfico: Cruzamento de localização geográfica e escolaridade (p.198)

A última variável, *Sexo*, demonstrou menor relevância para a manutenção da regra de desnasalização.

Tabela 16. Atuação da variável *Sexo* no estudo de Battisti (2002)

	Peso Relativo
Homem	0,52
Mulher	0,48

Fonte: Battisti (2002)
Tabela: Sexo (p.199)

Os pesos relativos contestam o parecer da analista de que o gênero do indivíduo influencia as produções fonéticas. Além de os resultados se manterem na zona de proximidade ao ponto neutro, a autora afirma que mulheres se habilitam a inovar linguisticamente quando uma variante é socialmente prestigiada.

Schwindt; Bopp da Silva (2005) retomam o tema da desnasalização de encontros vocálicos átonos finais, tomando tal processo como aplicação da regra e produções nasalizadas como não-aplicação.

O *corpus* utilizado por pelos autores é originário do Banco de Dados VARSUL, igualmente utilizado por Battisti (2002). Os autores optaram por não considerar a variável *Sexo*, pois não havia se mostrado preponderantemente relevante em estágios de análises anteriores ao estudo. Além disso, optaram por suprimir o nível de escolaridade *Ginásio (5-8 anos)* para que se alcançasse o objetivo de realizar uma comparação mais eficiente entre os polos de escolaridade pertencentes ao Banco de Dados VARSUL.

Nesse sentido, os autores controlaram três variáveis sociais. A variável *Localização geográfica* conta com quatro cidades de cada um dos estados sulinos. Para o Rio Grande do Sul (RS), as cidades analisadas foram Porto Alegre, São Borja, Panambi e Flores da Cunha. Em Santa Catarina (SC), observaram-se, além da capital Florianópolis, Blumenau, Chapecó e Lages. O *corpus* do Paraná (PR) constitui-se de Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati. A variável *Idade* é composta por duas faixas etárias. A primeira de 25 (vinte e cinco) a 50 (cinquenta) anos; e a segunda de 51 (cinquenta e um) anos ou mais. A variável *Escolaridade* considera a duração de vida escolar de cada informante: de 0-4 anos (*primário*) e de 9-12 anos (*segundo grau*).

Analisou-se um total de 144 (cento e quarenta e quatro) informantes, em que, para cada uma das células sociais, foram eleitos 3 (três) inquéritos, somando 12 (doze) entrevistas para cada uma das 4 (quatro) cidades por estado.

Com relação às variáveis linguísticas, os autores efetivaram as implementações motivadas pelo trabalho de Battisti (2002) e de fases anteriores da investigação.

A variável *Classe de palavra* congrega produções de Nomes com *-gem* na raiz (como *homenagem*), Nomes com sufixo *-gem* (como *reciclagem*), Nomes (como *homem*) e Verbos (como *cantaram*). A variável *Consoante do onset* é composta pelos fatores Consoante nasal (*amam*), Consoante não-nasal posterior (*fiçam*), Consoante não-nasal anterior (*estudam*), Onset vazio (*saem*). A variável *Tonicidade do contexto seguinte* indica se o vocábulo a seguir é iniciado por uma sílaba átona (*vieram morar*) ou tônica (*sabiam disso*). Analisou-se também o *Contexto fonológico seguinte*, composto pelos fatores Vogal (*falam alemão*), Consoante não-nasal (*falam diferente*), Pausa, Consoante nasal (*falam mais*).

Nesse estudo, foram analisadas 9.313 ocorrências do contexto de aplicação. A aferição computacional selecionou os fatores na seguinte sequência: *localização geográfica*, *classe de palavra*, *contexto seguinte*, *idade*, *escolaridade*, *consoante do onset* e *tonicidade do contexto seguinte*.

Com relação à *Localização geográfica*, a Região Sul, de maneira geral, mantém a redução da nasalidade átona final em um índice de 34%. Os resultados de cada estado se aproximam dos obtidos por Battisti (2002), com Santa Catarina (SC) com peso relativo acima do ponto neutro, e Rio Grande do Sul (RS) e Paraná (PR) com aplicação

da regra abaixo do ponto neutro. Entretanto, a observação da representatividade do contexto em cada cidade mostra resultados mais detalhados.

Tabela 17. Atuação da variável *Localização geográfica* no estudo de Schwindt; Bopp da Silva (2005)

Fatores	Peso Relativo
Florianópolis	0,84
Lages	0,65
Porto Alegre	0,57
Londrina	0,53
Pato Branco	0,50
Blumenau	0,48
Irati	0,45
São Borja	0,43
Chapecó	0,44
Curitiba	0,40
Panambi	0,36
Flores da Cunha	0,35

Fonte: Schwindt; Bopp da Silva (2005)
Tabela: Localização geográfica (p. 20)

As cidades de Florianópolis (SC) e Lages (SC) alcançaram pesos relativos de 0,84 e 0,65, respectivamente, e são as localidades em que há maior probabilidade de aplicação da regra. Isso evidencia a constante manutenção do Estado de Santa Catarina com marcas mais altas de desnasalização. Logo após essas cidades, encontra-se a capital gaúcha, Porto Alegre, com peso relativo de 0,57. Para o mesmo estado do Rio Grande do Sul (RS), as cidades de São Borja e Flores da Cunha mostraram pesos relativos de 0,43 e 0,35, respectivamente. Esses resultados abaixo do ponto neutro em cidades do interior mostram que tais cidades podem estar forçando a baixa aplicação da regra de desnasalização no estado como um todo. Por fim, para o estado do Paraná (PR), a capital Curitiba e a cidade de Irati obtiveram os pesos relativos respectivos de 0,40 e 0,45, o que justifica a menor aplicação da regra no estado em Battisti (2002). Os autores ainda afirmam que as cidades sulinas com aplicação mais baixa da regra são representantes de áreas bilíngues português-alemão.

Para a variável *Classe de palavra*, as classes nominais se mostraram mais favorecedoras do processo do que os verbos.

Tabela 18. Atuação da variável *Classe de palavra* no estudo de Schwindt; Bopp da Silva (2005)

Fatores	Peso Relativo
Nomes em –gem(camaradagem)	0,81
Nomes (homem)	0,71
Verbos (compraram)	0,48

Fonte: Schwindt; Bopp da Silva (2005)
Tabela: Classe de palavra (p. 22)

Os *nomes em –gem* alcançaram peso relativo de 0,81, enquanto a categoria Nomes obteve peso relativo de 0,71; e o fator *verbos* indicou peso relativo abaixo do ponto neutro de 0,48. Embora haja um forte viés morfológico nos resultados apresentados, uma análise mais detalhada pode mostrar informações adicionais. Assim, os autores ressaltaram a grande recorrência dos vocábulos *homem*(239), *jovem*(78), *viagem* (65)e *origem*(56), do total de 645 nomes. Após análises em que esses dados foram tanto suprimidos como fatores em si, decidiu-se mantê-los. Os verbos foram decompostos em suas formas temporais neutralizáveis – *imperativo, presente do subjuntivo, presente do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo* – e não-neutralizáveis – *futuro do subjuntivo, infinitivo pessoal, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, pretérito perfeito do indicativo* – a fim de conferir se estas são mais resistentes à desnasalização do que aquelas.

Tabela 19. Atuação da variável *Classe de palavra com subdivisão em tempos verbais* no estudo de Schwindt; Bopp da Silva (2005)

Fatores	Peso Relativo
Nomes com sufixo –gem	0,81
Nomes com gem na raiz	0,79
Nomes	0,67
Pretérito perfeito do indicativo	0,59
Pretérito imperfeito do subjuntivo	0,52
Presente do indicativo	0,46
Presente do subjuntivo	0,45
Futuro do pretérito do indicativo	0,42
Imperativo	0,41
Pretérito imperfeito do indicativo	0,40
Infinitivo pessoal	0,37
Futuro do subjuntivo	0,30

Fonte: Schwindt; Bopp da Silva (2005)
Tabela: Classe de palavra com subdivisão de tempos verbais (p. 24)

A nova análise dos dados indicou que nomes com sufixo *-gem* (como *reciclagem*) tendem relativamente pouco mais à desnasalização do que nomes com *-gem* na raiz (como *origem*), com peso relativo de 0,81 para os primeiros e 0,79 para os segundos. Os nomes restantes indicaram peso relativo de 0,67. Isso indicaria (a) a necessidade de aferição da consoante palatal antecedente como motivadora do processo de redução nasal; ou (b) a possibilidade de existência de uma variação dentro do sistema sufixal, materializada em *-gem* ~ *-ge*, e que se estenderia às formas não-sufixadas. Com relação aos verbos, a análise confirmou que esta classe está menos sujeita à desnasalização do que os nomes, mas não possibilitou indicar se formas neutralizáveis são menos inibidoras do processo. De um modo geral, apenas as formas de *pretérito perfeito do indicativo* (como *cantaram*) e *pretérito imperfeito do subjuntivo* (como *cantassem*) se mantiveram acima do ponto neutro, com pesos relativos de 0,59 e 0,52, respectivamente.

O *Contexto fonológico seguinte* mostrou que um encontro vocálico nasal átono seguido de um vocábulo iniciado por vogal (como *falam alemão*) tende mais à redução, com peso relativo de 0,59, do que quando seguidos (a) por consoantes não-nasais (como *falam diferente*), com peso relativo de 0,49; (b) de pausa (como *falam#*), com peso relativo de 0,46; (c) ou por uma palavra iniciada por consoante nasal (como *falam mais*), com peso relativo de 0,40.

Tabela 20. Atuação da variável *Contexto seguinte* no estudo de Schwindt; Bopp da Silva (2005)

Fatores	Peso Relativo
Vogal (<i>falam <u>a</u>lemão</i>)	0,59
Consoante não-nasal (<i>falam <u>d</u>iferente</i>)	0,49
Pausa	0,46
Consoante nasal (<i>falam <u>m</u>ais</i>)	0,40

Fonte: Schwindt; Bopp da Silva (2005)
Tabela: Contexto seguinte(p. 26)

Nota-se que a probabilidade de aplicação da regra se mantém abaixo do ponto neutro quando o encontro vocálico nasal átono antecede vocábulos iniciados por consoantes.

Com relação à *Idade*, os autores comprovam que falantes mais jovens têm tendência maior à desnasalização do que falantes mais velhos.

Tabela 21. Atuação da variável *Idade* no estudo de Schwindt; Bopp da Silva (2005)

Fatores	Peso Relativo
25-50 anos	0,55
51 anos ou mais	0,46

Fonte: Schwindt; Bopp da Silva (2005)
Tabela: *Idade*(p. 26)

A aplicação da regra por indivíduos de vinte e cinco a cinquenta anos alcançou peso relativo de 0,55; e por indivíduos com cinquenta e um anos ou mais obteve peso relativo de 0,46. Essa análise também foi confirmada pelo cruzamento entre *idade* e *localização geográfica*, em que se comprovou que, na maioria das cidades, os jovens tendem mais à redução da nasalidade do que os mais velhos. Nas cidades em que há indicação oposta, como Porto Alegre e Pato Branco, os indicadores estão próximos: respectivamente 0,53 contra 0,59 em Porto Alegre e 0,47 contra 0,49 em Pato Branco.

Os resultados para *Escolaridade* seguem a tendência geral de que os menos escolarizados têm maior probabilidade de aplicação da regra, com peso relativo de 0,54; enquanto os mais escolarizados alcançaram índice de 0,47. Os autores optaram por cruzar as variáveis *Escolaridade* e *Idade*.

Tabela 22. Atuação da variável composta *Idade versus Escolaridade* no estudo de Schwindt; Bopp da Silva (2005)

Fatores	Peso Relativo
Mais jovens – até 4 anos escola	0,59
Mais jovens – 9-12 anos escola	0,51
Mais velhos – até 4 anos escola	0,48
Mais velhos – 9-12 anos escola	0,42

Fonte: Schwindt; Bopp da Silva (2005)
Tabela: *Idade versus Escolaridade*(p. 28)

Os resultados anteriores foram confirmados pelo cruzamento entre *escolaridade* e *idade*, que ratificou a maior disposição à redução nasal quando um indivíduo jovem possui menos anos de escolaridade, com peso relativo de 0,59; e um indivíduo mais velho escolarizado, com peso relativo de 0,42.

A variável selecionada *Consoante do onset* mostrou que uma consoante nasal no ataque silábico ou uma consoante não-nasal posterior na mesma posição são mais favorecedoras do processo de redução nasal, respectivamente com pesos relativos de 0,60 e 0,52, do que consoantes não-nasais anteriores e *onset* vazio, com pesos relativos respectivos de 0,50 e 0,38.

Tabela 23. Atuação da variável *Consoante do onset* no estudo de Schwindt; Bopp da Silva (2005)

Fatores	Peso Relativo
Consoante nasal (<i>amam</i>)	0,60
Consoante não-nasal posterior (<i>ficam</i>)	0,52
Consoante não-nasal anterior (<i>estudam</i>)	0,50
Onset vazio (<i>saem</i>)	0,38

Fonte: Schwindt; Bopp da Silva (2005)
Tabela: Consoante do onset (p. 29)

O cruzamento dessa variável com *classe de palavra* indicou que, para ataques preenchidos com consoantes nasais, há maior probabilidade de aplicação da regra em formas nominais (como *homem*) e em verbos no presente do subjuntivo. Para as não-nasais posteriores também há preponderância nos nomes, principalmente aqueles terminados em *-gem*. As realizações de consoantes não-nasais anteriores e ataque silábico sem preenchimento são restritas aos verbos e têm possibilidade de aplicação abreviada.

Por fim, a *Tonicidade do contexto seguinte* mostrou pesos relativos próximos ao ponto neutro, tanto para vocábulos iniciados por sílabas átonas (como *vieram morar*) como para palavras iniciadas por sílabas tônicas (como *sabiam disso*).

Tabela 24. Atuação da variável *Tonicidade do contexto seguinte* no estudo de Schwindt; Bopp da Silva (2005)

Fatores	Peso Relativo
Átona	0,51
Tônica	0,47

Fonte: Schwindt; Bopp da Silva (2005)
Tabela: Tonicidade do contexto seguinte (p. 31)

O cruzamento da *tonicidade do contexto seguinte* com *contexto fonológico seguinte* demonstrou que vocábulos seguintes iniciados por vogais átonas tendem à

aplicação do processo de desnasalização seguidos de vogais em contexto tônico inicial de vocábulos. Outros contextos não se mostraram relevantes nesse caso.

Os autores concluem seu estudo reafirmando a natureza moderada da aplicação da regra na Região Sul, com o apontado índice de 34%. Em regiões bilíngues há menor probabilidade de redução em encontros vocálicos nasais átonos. Reitera-se também a hipótese de que a redução em palavras terminadas em *-gem* possa ter uma motivação de natureza fonológica.

Vieira; Brandão; Gomes (2015), em artigo sobre a relevância do princípio da saliência fônica em estudos sobre concordância verbal, traçam bases procedimentais para o tratamento dessa variável em análises sobre o tema. Há a indicação de que casos de sândi possam obter bastante relevância em tais pesquisas. O estudo de Guy (1982), referido anteriormente, foi o primeiro a controlar uma variável para o contexto subsequente, que se mostrou relevante nos resultados. Vieira; Brandão; Gomes revisitam trabalhos anteriores que tratam, ainda que indiretamente, do princípio de saliência fônica e refletem sobre os distintos resultados.

O primeiro deles é o de Pontes (1972), que, segundo as autoras, possui uma perspectiva estruturalista com relação à fala “espontânea de pessoas cultas do Rio de Janeiro” (p. 107). Os dados foram compostos de gravações de conversas informais e anotadas quando produzidas. Segundo as autoras, Pontes elabora uma lista de morfofonemas, indicando que [-n] é responsável pela nasalização de uma vogal anterior; e a sequência de /a/ seguido de /n/ resulta no ditongo /ãw/ em contextos tônicos. Em contextos átonos, esse ditongo estaria em variação livre com as formas /ũ/ e /u/. As autoras afirmam que a importância desse trabalho se dá pela formas de plural não-padrão explicitadas.

Vieira; Brandão; Gomes resgatam, também, os estudos de Naro; Lemle (1977) e Naro (1981). O primeiro deles, segundo as autoras, propôs a relevância do princípio da saliência fônica para análises da concretização da concordância verbal. O *corpus* utilizado foi composto por alunos do MOBREAL, referido anteriormente. Segundo as autoras, após seguidas categorizações, Naro; Lemle chegaram a catorze categorias em que se dividiam o plural e o singular dos verbos. Comprovou-se que quanto menor a diferença entre singular e plural de formas verbais (como *fala/falam*), maior a probabilidade de não-concordância. As autoras afirmam, ainda, que, nos resultados de

Naro; Lemle, distinções como *trouxe/trouxeram* tendem mais às formas [ũ] e [u] no plural. O estudo de Naro (1981) volta ao tema do princípio da saliência fônica agrupando nomes à sua amostra. O autor categoriza, por sua vez, terminações acentuadas e não-acentuadas. Para as formas átonas, houve menor aplicação da regra proposta de concordância, o que indica, segundo Vieira; Brandão; Gomes, que quanto menor a percepção do falante sobre as distinções fônicas, menor é a possibilidade de concretizar as formas de concordância padrão.

As autoras também retornam a Guy (1981), já referido anteriormente, em sua análise do ambiente fônico em que comprova que a presença de consoantes nasais nos contextos antecedente ou subsequente favorece a permanência do traço nasal na sílaba. Refere-se também à categorização proposta pelo autor entre não-verbos, verbos no pretérito e o grupo composto por verbos como *querem, fazem*; e a posterior inserção de verbos regulares que possuíam grande tendência à desnasalização. A inserção de variáveis morfossintáticas em sua análise indicou, ainda, a diminuição da relevância do princípio de saliência fônica para análises de concordância verbal. Para Guy, o acento segue como um fator determinante para o processo de desnasalização e a distinção entre singular e plural se sobrepõe ao princípio da saliência fônica como um todo.

Segundo as autoras, Nicolau (1995) volta a tratar da variável saliência fônica a partir de uma perspectiva morfológica. Esta autora desassocia a marcação de concordância com o princípio da saliência fônica. A partir da fala de Belo Horizonte, Nicolau chega a sete categorizações e indica que a diferença entre marcação ou não de concordância está relacionada à forma regular ou irregular dos verbos e não à saliência fônica. Segundo Vieira; Brandão; Gomes, a autora afirma, ainda, que as formas reduzidas [-ũ / u] do pretérito perfeito são resultado de processos fonológicos sofridos pelas formas verbais ao longo da história da língua, o que indica uma mudança diacrônica nas terminações verbais.

Sobre esses estudos, Vieira; Brandão; Gomes reafirmam a importância de se tratar da variável saliência fônica tomando como enfoque processos fonológicos, principalmente os que respeitam aos contextos de junção vocabular e o *continuum* de fala.

Objetivando propor direcionamentos para o tratamento do princípio da saliência fônica em análises sobre a concordância verbal, Vieira; Brandão; Gomes realizaram um

pequeno estudo sobre o comportamento da variável a partir da fala carioca de dois informantes residentes de Copacabana, ambos são homens, de faixa etária acima de 56 anos. Os informantes possuem níveis de escolaridade distintos, um de nível fundamental e outro de nível médio.

Os resultados indicaram que 54% das 137 (cento e trinta e sete) realizações possuem marca de concordância, seja ela canônica e ditongada, seja por alguma das formas reduzidas. Os números mais expressivos referem-se às 62 (sessenta e duas) ocorrências sem marca de concordância se estendem majoritariamente (67%) pelo presente do indicativo e, dentro desse número, há um indicativo (58%) de que a redução se dá diante de consoantes não nasais.

Ainda com relação ao presente do indicativo, as formas não canônicas apresentaram maior índice de variantes nasalizadas, tanto em verbos com tema em /a/, como verbos com tema em /e i/. As autoras mostram que houve apenas uma realização desnasalizada, na forma “{os cara}{...} *quer*[I]” (p.136).

Com relação ao pretérito perfeito, as 10 (dez) formas desnasalizadas correspondem a 29,4% das formas não-padrão registradas. Quatro dessas ocorrências constituem contextos de juntura com vogais desnasalizadas no contexto seguinte (como *fizer*[wa] *cidade*). Outras duas ocorrências também se deram em contextos de sândi entre vogais átonas iguais (como *pagar*[u]s *estudos*); duas concretizações antes de uma consoante não nasal (como *fizer*[u] *faculdade*); e outras duas diante de pausa.

Esse estudo preliminar comprova a importância do princípio da saliência fônica para as análises de produções relativas à concordância verbal, principalmente no que diz respeito aos contextos de juntura de palavras.

Em um exame norteado pela Fonologia Experimental, Moraes; Wetzels (1992) afirmam que vogais nasais e nasalizadas têm duração maior do que vogais orais. O *corpus* dos autores é baseado na fala carioca e contém 40 vocábulos, com vogais de abertura máxima – [a] – em contextos tônicos, pretônicos e em final absoluto – vá, vã –, em ambientes nasais, nasalizados e orais, repetidos por dois indivíduos. A pesquisa mostra que as vogais nasais têm maior duração, em ambas as tonicidades, quando são seguidas de consoantes oclusivas. No caso da consoante subsequente tratar-se de uma fricativa, a vogal oral é ligeiramente mais durativa. A nasalidade fonética, não-distintiva, teria, por fim, duração menor que as vogais orais, em contextos pretônicos.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

3.1. Aspectos teóricos

A análise dos dados do presente estudo foi feita segundo os pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria da Variação e Mudança postulados por Weinreich; Labov; Herzog (2006 [1968]) e, posteriormente, desenvolvidos por Labov (1972; 1994; 2011). Também conhecida como Sociolinguística Variacionista, a teoria concebe a língua como um sistema heterogêneo, que agrega regras categóricas e variáveis. Assim, o sistema linguístico não é feito apenas de estruturas fixas, mas também se compõe de variabilidade, permitindo a aceção de uma heterogeneidade ordenada. Nesse sentido, a sociolinguística difere-se de outras correntes teóricas e concepções de língua, que compreendem o sistema linguístico como homogêneo, ou seja, não-dotado de variabilidade.

A Teoria da Variação e Mudança concebe, além disso, a ideia de que o sistema é inerente à competência linguística de cada indivíduo. Assim sendo, a competência linguística individual agrega também a natureza heterogênea do sistema linguístico. As regras variáveis inerentes à língua permitem a interação entre dois falantes distintos. Há uma probabilidade constante de um determinado falante assimilar formas, estruturas ou léxico de outro indivíduo, o que leva ao conceito de que nenhum falante mantém um estilo único. Além disso, os falantes também podem ou não ser conscientes das formas que utilizam em variados contextos sociais de fala em que se encontram.

Muitas vezes, a consciência de uma seleção linguística definida leva uma comunidade de falantes a deixar uma forma socialmente marcada. As formas linguísticas marcadas podem ser exploradas positiva ou negativamente por outras comunidades linguísticas mais privilegiadas, levando, assim, à estigmatização de uma determinada produção linguística e interferindo em seu desempenho na comunidade de origem.

Este caso indicaria que um fator externo à língua pode interferir em suas formas e realizações estruturais ou internas, gerando duas formas linguísticas que convivem num mesmo espaço de produção. Essas variantes linguísticas podem seguir convivendo lado a lado por um espaço largo de tempo, em um quadro denominado *variação estável*.

Se uma das variantes, possivelmente, a mais inovadora, ocupar pouco a pouco mais contextos de produção, a ponto de suplantar completamente a forma mais antiga, pode-se dizer que houve uma mudança linguística. Diacronicamente, uma mudança linguística é resultado de uma variação ou um conflito estruturado entre duas formas. Entretanto, isso não significa que um fenômeno em variação na língua acarrete, necessariamente, uma mudança linguística.

Além disso, o princípio do uniformitarismo sugerido por Labov (1972) indica que os processos em operação no presente não são fundamentalmente distintos daqueles que ocorreram no passado, ou seja, determinados fenômenos que ocorreram na transição do latim ao português ainda persistem hoje nas conjunturas de variação linguística.

Cabe à pesquisa sociolinguística, portanto, caracterizar a estrutura de um fenômeno em variação que se dá em uma comunidade linguística delimitada. Para isso, considera-se a própria comunidade linguística como *locus* do estudo da variação linguística. Segundo a Teoria da Variação e Mudança, os fatores linguísticos e sociais mantêm uma relação muito próxima no desenvolvimento da variação linguística. Por esse ângulo, uma descrição linguística baseada em apenas um desses pontos de vista não será suficiente para dar conta do processo de variação como um todo.

3.2. Aspectos metodológicos

3.2.1. A área de pesquisa

A área de estudo que ora se apresenta é a ilha de São Tomé, situada no Golfo da Guiné, na costa ocidental da África. Em conjunto com a ilha do Príncipe, forma um estado nacional que foi colonizado por Portugal desde a década de 1470 até 12 de julho de 1975, data de sua independência. O país se estende por 1001 km² e, segundo Censo de 2012, 178.739 habitantes, dos quais 53,8% residem em áreas urbanas.

O estado nacional é de caráter multilíngue em virtude de uma série de contingências históricas vinculadas ao seu processo de colonização. O Português é a única língua oficial, com 98% de falantes, concorrendo com o Forro (Santome), um dos quatro crioulos falados na área, com 36,3% de usuários, segundo o Censo de 2012.

3.2.2. O corpus

As amostras analisadas nesta pesquisa foram selecionadas de 17 entrevistas pertencentes ao *corpus* do Projeto VAPOR (Variedades do Português), do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Os inquéritos foram realizados em 2009 por Tjerk Hagemeijer.

Os informantes são naturais de São Tomé e foram distribuídos por: (a) sexo: nove homens e oito mulheres; (b) faixa etária: 18-35 anos, 36-55 anos, 56-75 anos; (c) nível de escolaridade: fundamental (de 5 a 8 anos de estudo), médio (de 9 a 11 anos), superior (12 anos ou mais).

Para o presente estudo, foram coletados nomes e verbos terminados por ditongo nasal átono. No caso dos verbos, essa forma é referente às terminações de P6. Os dados foram divididos em duas amostras, uma para nomes e outra para verbos, e a análise foi feita com o apoio do programa GoldVarb-X.

3.2.3. Variáveis controladas

Neste trabalho, a variável dependente constitui-se de formas nasalizadas e não nasalizadas, tendo-se registrado as seguintes variantes:

(a) no âmbito dos nomes: [ẽ], [ẽj], [e], [ej], [i], [ĩ]

(b) no âmbito dos verbos: [ẽw̃], [ẽ], [e], [ẽj], [ẽ], [e], [ɪ], [ĩ], [u], [ũ], [o], [õ], [õw̃]

Nas análises amalgamaram-se, de um lado, as variantes nasalizadas, de outro, as não nasalizadas, tomando-se estas últimas como valor de aplicação.

3.2.3.1 De natureza estrutural

3.2.3.1.1 No âmbito dos nomes

O controle das variáveis linguísticas independentes indica em que nível os segmentos circundantes ao contexto em estudo podem afetá-lo. Diversos estudos na área da fonologia demonstram a importância de se considerar o ambiente fônico em que se produz um determinado fenômeno.

O presente estudo avaliou:

(a) *o modo de articulação da consoante antecedente* a partir dos fatores: oclusiva, africada, fricativa, lateral, nasal e pausa. Acredita-se que uma consoante nasal condicionaria a manutenção do traço de nasalidade no encontro vocálico. Essa variável também é utilizada por Guy (1982) para testar os contextos de assimilação progressiva.

(b) *o ponto de articulação da consoante antecedente*, que se constitui dos fatores: labial, alveolar, pós-alveolar, palatal, velar, glotal e pausa. Consoantes com articulação mais anterior poderiam bloquear a ressonância nasal devido à posição do véu-palatino, de acordo com a hipótese de Guy (1982, p. 209).

(c) *modo de articulação do segmento subsequente*, constituído pelos fatores: oclusiva, africada, fricativa, lateral, nasal, pausa e vogal;

(d) *ponto de articulação do segmento subsequente*, considerando-se os fatores: labial, alveolar, pós-alveolar, palatal, velar, glotal, pausa, vogal média anterior oral [e ε], vogal média anterior nasalizada [ẽ], vogal média posterior oral [o ɔ], vogal média posterior nasalizada [õ], vogal alta oral [i u], vogal alta nasalizada [ĩ ũ], vogal baixa oral [a], vogal baixa nasalizada [ã]. A inserção de vogais em ambos os fatores concernentes ao contexto seguinte permite detalhar a influência dos possíveis casos de sândi para a emergência da desnasalização.

(e) *dimensão do vocábulo*, que busca testar a hipótese de que vocábulos de mais de duas sílabas tenderiam a um maior índice de desnasalização na sílaba final. Quanto mais distante uma sílaba estiver do centro tônico, mais vulnerável estará a processos fonológicos de redução.

(f) *incidência de sândi*, que procura verificar a possível interferência da juntura vocabular no processo de desnasalização. A ocorrência de sândi tem grande possibilidade de inibir a emergência do traço de nasalidade na sílaba átona final anterior, segundo Vieira; Brandão; Gomes (2015, p.139).

3.2.3.1.2 No âmbito dos verbos

As variáveis linguísticas independentes são, majoritariamente, compostas de grupos de fatores relativos ao contexto verbal em que se apresentam.

Foram consideradas as variáveis:

(a) *tempo/modo verbal*, que agrupa as formas de presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, infinitivo, presente do subjuntivo, imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo. Battisti (2002) já havia proposto que algumas formas verbais poderiam favorecer a manutenção da nasalidade em comparação com outras. Esta investigação procura testar tal possibilidade na variedade em estudo;

(b) *forma do verbo*, que indica se uma forma verbal é regular ou irregular. As formas regulares possuem terminações de singular e plural foneticamente mais semelhantes do que as mesmas terminações em verbos irregulares, o que pode afetar, portanto, a realização do contexto;

(c) *tema do verbo*, que congrega as três vogais temáticas que podem aparecer nessa posição: /a/, /e/ e /i/. Busca-se aqui atestar se esse elemento estrutural condiciona a realização do contexto em estudo e quais dessas vogais temáticas tendem mais à desnasalização;

(d) *contexto subsequente*, que inclui os fatores: vogal oral, vogal nasal, consoante oral, consoante nasal, pausa, que igualmente podem influenciar o segmento vocálico anterior por assimilação regressiva, como propôs Guy (1982, p. 208);

(e) *incidência de sândi*, para verificar a influência dos processos de juntura vocabular no contexto em estudo presentes em verbos. Como referido acima, o *corpus* de Vieira; Brandão; Gomes (2015) pode reforçar o fato de que casos de sândi incidam também sobre verbos, levando as desinências átonas finais à desnasalização.

(f) *consoante anterior*, dado o restrito número de vocábulos em ambas as amostras, optou-se, posteriormente, por controlar tal variável no *corpus* verbal. Com isso, é possível detalhar a influência fônica desse segmento no que diz respeito à aplicação da regra em formas verbais de P6.

3.2.3.2 Variáveis sociais

Sendo uma comunidade de falantes o *locus* de estudo de uma investigação sociolinguística, é necessário verificar, através de variáveis não-estruturais, a interferência de fatores de natureza social na probabilidade de aplicação de uma regra.

As variáveis sociais combinam-se às variáveis linguísticas para fornecer uma análise mais segura do fenômeno em estudo. Na verdade, os fatores internos e externos à língua costumam mostrar-se intimamente ligados.

A variável social (a) *faixa etária* agrega os fatores: 18-35 anos, 36-55 anos, 56 anos ou mais. Esta variável pode indicar se o fenômeno em estudo mantém as duas formas em conflito em uma variação estável ou se há uma mudança em curso. Se falantes mais novos produzem formas mais inovadoras, pode-se dizer que há mudança. Se a variação se mantém de maneira mais ou menos semelhante em todas as faixas etárias, os resultados podem indicar variação estável.

A variável (b) *escolaridade* é capaz de controlar a interferência da duração dos anos de estudo de um informante na realização de um fenômeno linguístico. Procura-se atestar se indivíduos com menos anos de escolaridade tendem a utilizar formas mais inovadoras do que indivíduos com maior tempo em estudo. Isso se deve também ao fato de que a escola funciona como uma força inibidora de novas formas linguísticas. Neste trabalho, esta variável é formada pelos fatores: ensino fundamental (6º ao 9º ano), ensino médio (10º ao 12º ano), superior.

Controlou-se também a variável (c) *sexo do informante*, com ambos os fatores masculino e feminino. A partir de Labov (1982), Coelho; Görski; May; Sousa (2015) afirmam que mulheres tendem a manter formas linguísticas mais conservadoras do que homens. Isso ocorre porque há uma expectativa social de que mulheres devem conservar formas e expressões linguísticas mais apuradas do que homens. Nesse sentido, como homens tendem a revelar uma fala não-marcada, podem apresentar processos linguísticos mais inovadores.

Neste trabalho, utiliza-se também a variável social (d) *frequência de uso de um crioulo*, que busca determinar se o uso ou não do Forro influencia o processo de desnasalização. Estipularam-se três graus de frequência de uso crioulo: (i) zero/baixo, quando o falante só usa o português ou entende precariamente o Forro; (ii) médio, em que o indivíduo fala o Forro eventualmente, (iii) alto, quando o falante usa o Forro com alguns familiares ou em eventos fora de casa. Procura-se verificar, com esta variável, a influência dos crioulos na emergência do fenômeno em análise.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Observações preliminares

Atualmente, em português, há um número reduzido de termos nominais cuja terminação se compõe de uma sílaba átona travada por um segmento nasal. O índice é ainda menor quando se considera a fala cotidiana. O contexto em estudo é mais produtivo nas formas verbais de terceira pessoa do plural.

Realizou-se um levantamento de vocábulos nominais terminados graficamente em , <en> – contexto mais produzido no *corpus* deste estudo – no Dicionário Eletrônico Houaiss (2004) e verificou-se que há apenas 1069 palavras terminadas por elemento nasal, entre átonos e tônicos. Desse total, 889 são constituídas pela sequência final –gem. As palavras terminadas em <am>, <an> átonos são, em sua maioria, provindas de expressões latinas ou empréstimos de outras línguas, enquanto palavras terminadas em <om>, <on> átonos costumam referir-se a termos técnicos. Poucos desses vocábulos podem ser atestados em contexto produtivo de fala cotidiana. No quadro abaixo apresentam-se exemplos desses contextos e, em destaque, os vocábulos que ocorreram no *corpus* em estudo.

Quadro 4. Vocábulos mais usuais com Vogal átona nasal em contexto final

<am>, <an>, <ão>	, <en>	<im>, <in>	<om>, <on>	<um>, <un>
manhattan, slogan, dólman, brâman, bênção, orégão, órfão, órgão, sótão	abdômen, delicatessen, hífen, glúten, hímen, pólen, sêmen, modem, item, <u>canoagem,</u> <u>homem,</u> <u>jovem, ontem,</u> <u>ordem,</u> <u>outrem,</u> <u>reportagem,</u> <u>vantagem</u>	kremlin, debrífim, ínterim	próton, nêutron, íon, mórmon, náilon, plâncton	álbum, fórum, médiu

Na presente amostra do Português de São Tomé, há um reduzido número de vocábulos concretizados. O pequeno índice vocabular conduziu a pesquisa à substituição das variáveis *modo de articulação* e *ponto de articulação* pela variável *item lexical*. O quadro abaixo mostra como o processo de desnasalização se distribui pelos vocábulos.

Quadro 5. Distribuição da desnasalização da vogal pelos itens lexicais do corpus

Jovem	11/41 - 26.8%
Terminados em -agem (canoagem/vantagem/reportagem)	12/52 - 23.1%
Homem	20/50 - 40%
Ontem	3/9 - 33.3%
Ordem	2/11 - 18,2%
Outrem	0/2 - 0%
Total	48/165 - 29,1%

O item lexical ‘Homem’ teve maior porcentagem de aplicação da regra de desnasalização. Esse resultado é diferente do apresentado pela análise de Battisti (2002), que mostrou que o processo de desnasalização é mais produtivo nos vocábulos terminados em *-gem*. Acredita-se que as distinções relativas à seleção vocabular, entre o português do Brasil e o são-tomense, possam se dever às particularidades do contexto sociocultural de cada uma das áreas de pesquisa.

Para a amostra verbal, num primeiro momento, optou-se por focalizar formas de segunda e terceira conjugações que apresentam concretizações de P6 em /eN/ nos tempos verbais do infinitivo e presente do indicativo. Esses dois tempos verbais tiveram maiores ocorrências na fala de São Tomé. A distribuição dos dados no *corpus* indica-se no quadro a seguir.

Tabela 25. Distribuição das formas de concretização da P6

Vogal ↕	Presente indicativo				Infinitivo			
	Tema em /e/		Tema em /i/		Tema em /e/		Tema em /i/	
	Apl. / Oco	Perc.	Apl. / Oco	Perc.	Apl. / Oco	Perc.	Apl. / Oco	Perc.
Nasalizada [ẽ]	68/152	45%	15/37	41%	6/14	43%	1/5	20%

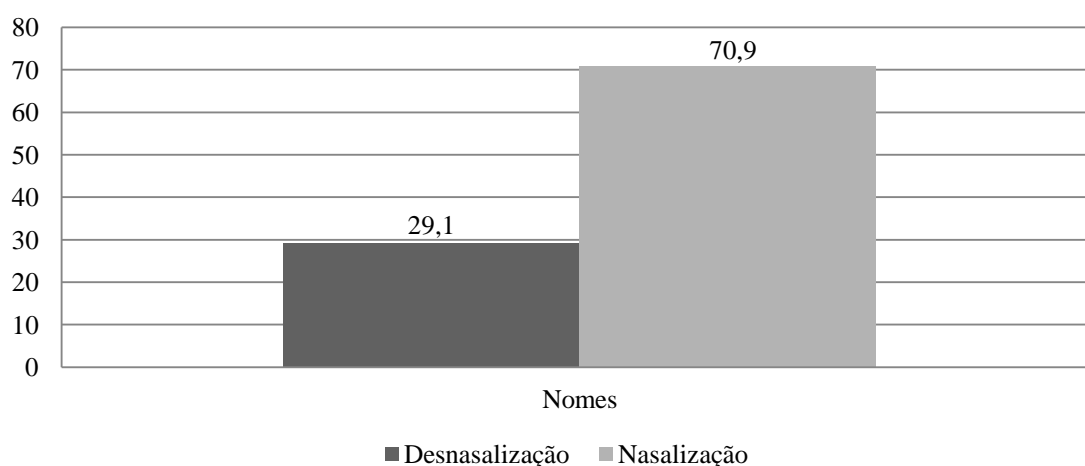
	[ẽ]	39/152	26%	9/37	24%	4/14	29%	3/5	60%
	[ĩ]	18/152	12%	4/37	11%	2/14	14%	1/5	20%
	Total	125/152	82%	18/37	76%	12/14	86%	5/5	100%
Desnasal.	[e]	6/152	4%	1/37	3%	1/14	7%	_____	_____
	[ɪ]	21/152	14%	8/37	22%	1/14	7%	_____	_____
	Total	27/152	18%	9/37	25%	2/14	14%	_____	_____

Para as realizações de P6 formadas por uma vogal /e/ seguida de segmento nasal /N/, é possível notar, no arranjo dos dados, a grande representatividade de formas com temas em /e/ do presente do indicativo, dispostas pela maior parte do *corpus*. A seguir, estão as formas de P6 com tema em /i/, no mesmo verbal. As formas de P6 do infinitivo pessoal têm percentual mais baixo na amostra, o que pode sugerir a menor presença dessa especificidade do português na fala de São Tomé.

4.2 Comparação entre nomes e formas de P6 terminadas em /eN/

Submetidas as concretizações nominais à análise, computou-se, para tais formas, um total de 165 dados. A desnasalização é da ordem de 29,1%, em contraposição às realizações nasalizadas, que se distribuem por um total de 70,9%, como exposto na figura abaixo.

Figura 1. Nasalização e desnasalização em nomes: índices percentuais



A rodada selecionada é de significância .012 e a regra tem input de .27. O índice geral para desnasalização é menor do que o esperado. Há um indicador que atesta a maior variabilidade das formas nasais em vogais médias, como no destaque da tabela abaixo.

Tabela 26. Distribuição das variantes das formas nominais.

Concretizações nasalizadas			Exemplos	Concretizações desnasalizadas			Exemplos
[ẽ]	78/165	47.3%	ont[ẽ]	[e]	36/165	21.8%	orig[e]
[ẽj]	25/165	15.2%	hom[ẽj]	[ej]	2/165	1.2%	hom[ej]
[ĩ]	14/165	8.4%	vantag[ĩ]	[i]	10/165	6.1%	mensag[i]

Em comparação com ditongos e segmentos altos, a vogal /e/ obteve maior produtividade e alcançou indicadores proporcionais à análise geral dos nomes. Como já havia indicado Guy (1982), as formas ditongadas tendem à manutenção da nasalidade, o que pode se dever ao fato de que essas produções têm uma duração fonética mais longa. Enquanto a vogal alta mantém certo equilíbrio entre formas nasalizadas e desnasalizadas.

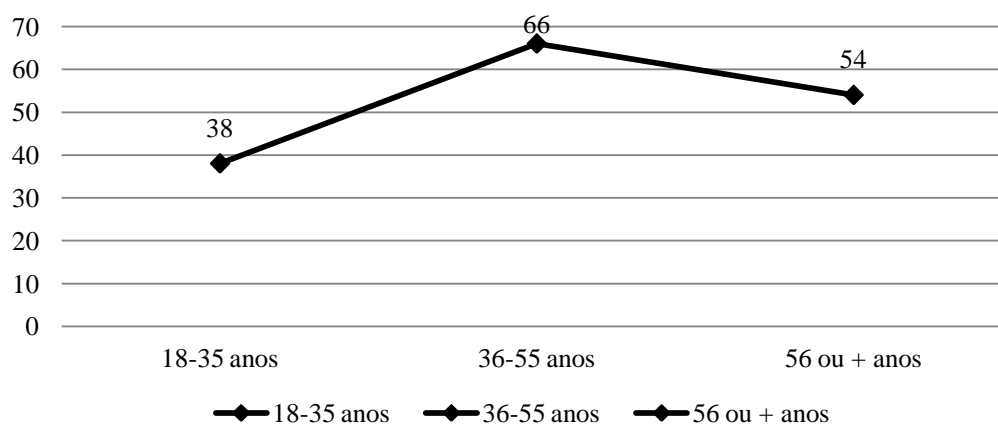
A variável selecionada pelo programa para maior aplicação da regra de desnasalização foi *faixa etária*. Os resultados expõem-se na tabela abaixo.

Tabela 27. Atuação da variável *Faixa etária* para a desnasalização da vogal átona final em nomes.

Faixa etária	APL/OCO	%	P.R.
18-35 anos	13/74	17.6%	.38
36-55 anos	16/40	40%	.66
56 ou + anos	19/51	37.3%	.54
Input: .27			Significância: .012

Uma probabilidade maior de aplicação do processo de desnasalização é perceptível na faixa intermediária, entre 36 e 55 anos. Os mais novos tendem a manter a nasalidade, enquanto os mais velhos demonstraram peso relativo próximo ao ponto neutro, em comparação com os demais. De modo geral, os resultados indicam um estágio de variação estável, demonstrado na figura a seguir.

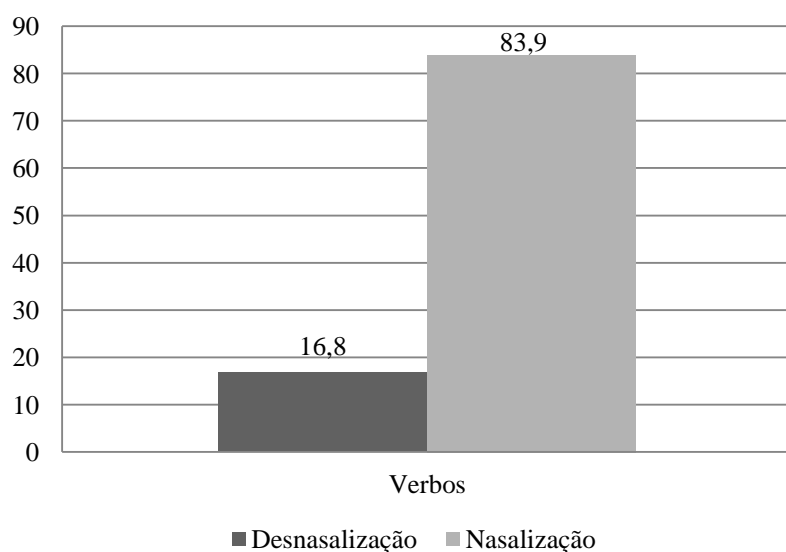
Figura 2. Atuação da variável *Faixa Etária* em formas nominais para variação estável.



A maior probabilidade de aplicação da regra nas faixas de 36 a 55 anos e de 56 em diante pode indicar que há uma influência do crioulo na concretização dessas formas, já que esses falantes têm contato maior com essa língua.

Para a amostra verbal, como dito anteriormente, consideraram-se, na primeira etapa da investigação, as formas de P6 terminadas em vogal /e/ seguida de um segmento nasal /N/. Essa escolha se deu para fins de comparação entre as produções verbais e as formas nominais ora apresentadas. Analisou-se um total de 207 dados referentes ao presente do indicativo e 19 com relação ao infinitivo. Expõem-se os resultados no gráfico abaixo.

Figura 3. Nasalização e desnasalização em formas verbais de P6 em /eN/: índices percentuais



A rodada selecionada teve significância de .018 e input .13. Os índices de aplicação do processo de desnasalização em verbos mostraram-se pouco produtivos em comparação aos nomes, mas com valor igualmente abaixo do esperado. Isso se deve ao fato de que a nasalidade ainda pode ser considerada como um traço distintivo para as formas de singular e plural de terceira pessoa de verbos, segundo Vieira; Brandão; Gomes (2015). A manutenção da nasalidade indicaria, portanto, a marcação de concordância.

Três fatores mostraram-se relevantes para emergência da desnasalização: a incidência de sândi, o nível de escolaridade e a forma do verbo.

A seleção da variável *incidência de sândi* reafirma a importância de se considerar os processos do *continuum* de fala, como indicado anteriormente no trabalho de Vieira; Brandão; Gomes (2015). Para esta amostra, confirmou-se a maior tendência à desnasalização quando a vogal nasal se junta ao segmento vocálico seguinte, como no destaque da tabela abaixo.

Tabela 28. Atuação da variável *incidência de sândi* para a desnasalização da P6 em verbos

Contexto	APL/OCO	%	P. R.
Com Sândi	5/9	55.6%	.84
Sem sândi	33/217	15.2%	.48
Input: .13			Significância: .018

O peso relativo de .84 demonstra a maior probabilidade de aplicação da regra de desnasalização na maior parte dos casos de sândi. A desnasalização nas ocorrências sem juntura obteve um índice menor de expressividade no *corpus* e o resultado ficou próximo ao ponto neutro. Pode-se perceber, dado o número de casos de contextos de juntura vocabular, dois tipos de ocorrências:

(a) em que há um resquício da vogal através de um glide e cancelamento da marca de número, como em: quando eles assum[ja] governação (ST-A-2-h) – *quando eles assumem a governação*;

(b) em que não é possível afirmar se há ou não marcação de P6, como em: que insist[ɨ]falar (ST-A-3-h) – *que insistem em falar*.

Também foi selecionada na análise variacionista a variável *nível de escolaridade*. Observou-se que a influência dos anos de estudo é relevante para o processo de desnasalização, como na tabela a seguir.

Tabela 29. Atuação da variável *Nível de escolaridade* para a desnasalização da P6 em verbos

	APL/OCO	%	P.R.
Fundamental	20/78	25.6%	.69
Média	10/65	15.4%	.45
Superior	8/83	9.6%	.34
Input: .13			Significância: .018

Para a variável em análise, a tendência à desnasalização é maior conforme o nível de escolaridade diminui, o que configura uma variação em estado escalar. O nível médio de escolaridade tem proximidade ao ponto neutro, enquanto o nível superior tem baixa probabilidade para desnasalização. Nas análises sobre concordância verbal no português são-tomense, essa variável tem alta frequência de seleção, segundo Vieira; Bazenga (2013), a partir de Vieira; Brandão; Gomes (2015).

A última variável selecionada foi *tipo de verbo*. Verbos irregulares têm maior tendência à aplicação da regra de desnasalização do que verbos regulares, como indicado na tabela a seguir.

Tabela 30. Atuação da variável *tipo de verbo* para a desnasalização da P6 em verbos

Tipo de verbo	APL/OCO	%	P.R.
Irregular	16/127	12.6%	.63

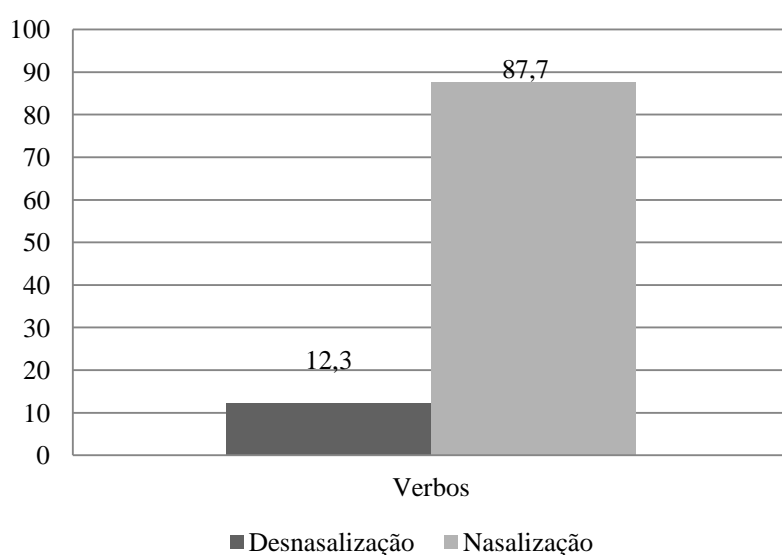
Regular	24/97	24.7%	.39
Input: .13			Significância: .018

Esses resultados parecem contrapor-se à análise de Guy (1982), em que o autor demonstra que a inserção de verbos regulares na amostra eleva o índice de probabilidade de desnasalização. Entretanto, em seu trabalho não há subdivisão de um fator definido para verbos irregulares, mas sim para formas verbais específicas, como tempos pretéritos e ‘querem, fazem, dizem’. A inserção de verbos irregulares em uma análise pode, por um lado, aumentar o escopo de atuação e, por outro, reafirmar que fatores morfológicos são condicionadores de processos fonológicos.

4.3 Formas de P6 terminadas em /aN/

Para a segunda etapa da investigação, consideraram-se apenas as formas verbais de P6 terminadas pela vogal /a/ seguida de segmento nasal /N/. Foi submetido à análise um total de 520 dados e verificou-se que o processo de desnasalização na amostra é da ordem de 12,3%, enquanto produções nasalizadas comportam 87,7% das ocorrências, como demonstrado na Figura 4.

Figura 4. Nasalização e desnasalização em formas verbais de P6 em /aN/: índices percentuais



O input da rodada tem valor .85 e a significância é de .023. O índice para desnasalização na amostra formada por formas verbais terminadas em /aN/ alcançou o nível mais baixo em comparação com nomes (29,1%) e verbos em /eN/ (16,8%) aqui apresentados. Isso pode suceder em decorrência do grande número de produções do contexto em análise. Além disso, a concretização dessa sequência fonêmica como forma ditongada [ãw̃] pode estar em um nível de maior consciência para os falantes, considerando-se também o histórico da forma.

Foram selecionadas as variáveis *incidência de sândi*, *frequência de uso de um crioulo* e *nível de escolaridade*. Num primeiro momento da análise, foi selecionada também a variável *tema do verbo*, com os fatores /e/, /a/ e /i/. Porém, optou-se, em rodada posterior, pelo amálgama entre /e/ e /i/ – dadas as similaridades entre as conjugações – o que levou ao descarte dessa variável como condicionadora do processo em estudo. Com relação à variável *consoante anterior*, incluída posteriormente neste trabalho, devido ao reduzido número de itens lexicais em todas as amostras, definiu-se também os amálgamas entre as possíveis concretizações dos segmentos labiais [b p v], alveolares [t d], fricativos alveolares [s z], africados pós-alveolares [ʃ ʒ], velares [k /], nasais [m n ŋ], róticos /r R/ e vogais.

A variável *incidência de sândi* é selecionada novamente como a principal condicionadora do processo de desnasalização em formas verbais de P6. Como se viu anteriormente, a relevância do contexto de junção vocabular para tal fenômeno já havia sido indicada por Vieira; Brandão; Gomes (2015). No caso das formas verbais terminadas em /aN/, os resultados expõem-se na tabela a seguir.

Tabela 31. Atuação da variável *incidência de sândi* para a desnasalização da P6 em formas verbais terminados em /aN/

Contexto	APL/OCO	%	P. R.
Com Sândi	14/19	73.7%	.97
Sem sândi	50/501	10.0%	.46
Input: .85			Significância: .023

Apesar da hipótese de que o alto número de ocorrências gerais do *corpus* reduza os indicadores dos resultados, a probabilidade de aplicação da regra de desnasalização em contextos átonos finais alcançou índice de .97 para os verbos terminados em /aN/, maior do que a indicação das formas verbais de P6 terminadas em /eN/ (.84). As

realizações desnasalizadas mantiveram-se novamente nas proximidades do ponto neutro, como em análises anteriores.

Como no caso das terminações verbais de P6 em /eN/, é possível notar aqui também dois tipos de ocorrências:

(a) em que não há marcação explícita de P6 através da nasalidade, como em: e continu[a]viver aqui (ST-A-1-m) – *e continuam a viver aqui*;

(b) em que há um resquício da vogal átona final através de um glide, como em: já for[wa]crescentadas (ST-A-3-h) – *já foram acrescentadas*.

A primeira variável social selecionada na análise variacionista foi a *frequência de uso de um crioulo*. O nível de uso dos falantes com relação ao Forro são-tomense mostrou-se relevante para aplicação do processo de desnasalização, como indicam os resultados na tabela abaixo.

Tabela 32. Atuação da variável *Frequência de uso de um crioulo* para a desnasalização de formas verbais terminados em /aN/

Nível de uso	APL/OCO	%	P.R.
Baixo	23/239	9.6%	.50
Médio	19/231	8.2%	.42
Alto	22/50	44.0%	.80
Input: .85			Significância: .023

A regra de desnasalização aplicada nas formas verbais de P6 terminadas em /aN/ tem alta probabilidade de ocorrência – .80 – quando um falante tem maior contato com o Forro. Há, na amostra, apenas um informante que possui nível elevado de uso do crioulo são-tomense. Tal informante é da faixa etária mais alta – com mais de 56 anos – e possui nível fundamental de escolaridade, o que reafirma a influência da língua crioula para o processo de desnasalização, já que o informante sofreu menor influência do português do que outros indivíduos que compõem a amostra.

Para o nível médio de uso de um crioulo, há uma probabilidade consideravelmente reduzida de aplicação do fenômeno em estudo, com peso relativo de .42; e, no caso dos indivíduos com menor frequência de uso, o índice alcançou o ponto neutro.

A seguinte variável social selecionada foi *nível de escolaridade*. Como sr indicou anteriormente, essa variável também é frequentemente selecionada nos estudos sobre a marcação de concordância no português são-tomense. Para o caso das formas

verbais de P6 terminadas em /aN/, a variável reafirma as distinções produtivas entre falantes de níveis de estudo diferentes, como expõe a tabela abaixo.

Tabela 33. Atuação da variável *Nível de escolaridade* para a desnasalização da P6 em formas verbais terminadas em /aN/

	APL/OCO	%	P.R.
Fundamental	39/158	24.7%	.67
Média	11/149	7.4%	.44
Superior	14/213	6.6%	.40
Input: .85			Significância: .023

Os indicadores da tabela seguem a mesma tendência da análise das terminações verbais anteriores e reafirmam a hipótese inicial de que quanto menor o nível de escolaridade, mais inclinado à emergência está o processo de desnasalização. O nível mais baixo alcançou índice de .67 para o peso relativo, enquanto a probabilidade de desnasalização do nível médio é indicada pelo peso relativo de .44. Ambos os números estão próximos dos índices alcançados para as formas verbais de P6 terminadas em /eN/, analisadas anteriormente. O peso relativo para o nível superior é de .40 para as formas terminadas em /aN/ e .34 para as formas terminadas em /eN/, o que pode se dever ao número maior de realizações em /aN/.

De forma genérica, o que pode ser percebido para esta variável é uma variação em modo escalar, que pode vir a converter-se em um processo de mudança linguística. Configuração igualmente indicada na amostra anterior.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da aplicação do processo de desnasalização em contextos átonos finais, tanto em nomes, como em formas verbais de P6 terminadas em /eN/ e /aN/, demonstrou distintos índices percentuais para os três casos. No primeiro, obteve-se 29,1% de representatividade para a desnasalização. Para o caso dos verbos, alcançaram-se os respectivos índices de 16,8% e 12,3% para as formas terminadas em /eN/ e /aN/. Para as formas nominais, apenas a faixa mostrou-se relevante para emergência do processo, indicando, através das respectivas probabilidades, um estágio de variação estável. A diferença entre os indicadores percentuais entre formas nominais e verbais pode dever-se, provavelmente, à concorrência de fatores de natureza morfossintática e sintática no caso dos verbos no que diz respeito ao cancelamento da marca de concordância entre verbo e sujeito. Na variedade urbana do português são-tomense, o cancelamento da marca de concordância tem frequência de 7,9%, segundo Vieira; Bazenga (2013). No geral, os índices ficaram abaixo do esperado, sugerindo que a nasalidade fonológica é um traço distintivo que faz parte do nível de consciência do falante.

O reduzido número de vocábulos na amostra das formas nominais não permitiu verificar as possíveis influências do contexto antecedente para a aplicação do processo de desnasalização, o que levou à substituição das variáveis relativas a esse segmento pela variável *item lexical*. No caso das formas de P6, a variável *consoante anterior*, inserida posteriormente na pesquisa, também não se mostrou condicionadora do processo.

Com relação aos fatores concorrentes para desnasalização nas formas verbais de P6, foram selecionadas, nas amostras relativas a ambas as terminações /eN/ e /aN/ as variáveis *incidência de sândi* e *nível de escolaridade*. No primeiro caso, demonstrou-se, através da coleta de dados, que concretizações como “insist[ĩ]falar” possam ser desconsideradas nas análises sobre concordância verbal, devido a impossibilidade de aferir-se se há ou não cancelamento da marcação. Para o nível de escolaridade, reafirma-se a importância dessa variável em estudos sobre concordância verbal, comumente selecionada em análises sobre o tema, tanto em relação ao Português do Brasil, como ao Português de São Tomé. Na amostra relativa às terminações verbais em

/aN/, verificou-se que a variável *frequência de uso de um crioulo* é relevante para a aplicação do processo de desnasalização. Isso sugere uma possível influência do Forro ainda hoje em fenômenos do português são-tomense, principalmente em falantes mais velhos com nível fundamental de escolaridade, considerando-se também o número percentual de 36,3% de falantes do crioulo, segundo Censo de 2012.

De modo geral, a frequente seleção de variáveis estruturais em todas as amostras indica que tais fatores aliados a fatores socioculturais determinam a probabilidade da emergência dos processos fonológicos no Português de São Tomé, além da presença de um reduzido número de itens lexicais nos diversos contextos de fala da área de pesquisa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCELOS, N.H.M. *Uma contribuição para o estudo da expressão fonética de P6 em português com base na variedade urbana de São Tomé*. Monografia (graduação em Letras). UFRJ, 2016.
- BATTISTI, E. A Redução dos Ditongos Nasais. In: BISOL, L; BRESCANCINI, C. (Orgs.) *Fonologia e variação: recortes do Português Brasileiro*. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2002.
- CÂMARA Jr., J.M. *Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa*, 3. ed. 1968. São Paulo: J. Ozon Editor
- COELHO, I. L. et al. *Para Conhecer Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2015
- GUY, G. *Linguistics variation in Brazilian portuguese: aspects of phonology, syntax and language history*. PhD Dissertation (Linguistics) – University of Pennsylvania – Pennsylvania, 1981.
- HAGEMEIJER, T. O português em contacto em África in: MARTINS, A.M.; CARRILHO, E. (Eds.) *Manual de Linguística Portuguesa*. 2016. Lisboa: Walter de Gruyter GmbH & Co KG
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell Publishers, 1994. vol. 1.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. vol. 2.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- *NARO, A. The Social and Structural Dimensions of a Syntactic Change . *Linguistic Society of America*, Washington, v. 57, n. 1, p. 63-98. 03/1981. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/414287>. Acesso em: 15/04/2015
- *NICOLAU, E. M. das D. *A ausência de concordância verbal em Português: uma abordagem sociolinguística*. Dissertação (Mestrado em Letras). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1984.
- *_____. A influência da constituição morfológica da forma verbal na ausência de concordância em Português. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, ano IV, n. 3, v. 2, p. 41-67, 1995.
- *OLIVEIRA, M. A. de. 1983. Resíduos históricos como um caso de variação sincrônica do português no Brasil. *Ensaio de Linguística*. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, v. 5 (9), p. 230-45, 1983.
- *PONTES, E. *Estrutura do verbo no português coloquial*. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

* Os estudos marcados com asterisco (*) não foram diretamente consultados. Também não constam desta bibliografia estudos mencionados por Soalheiro.

SCHWINDT; BOPP DA SILVA. Panorama da redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do sul do Brasil in: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.) *Português do Sul do Brasil: Variação Fonológica*. 2009. Porto Alegre: EdIPUCRS.

SOALHEIRO, E. da L. Fenómenos relacionados com sufixos PN. In: _____. *Flexão verbal em Português Europeu: estudo de padrões flexionais no Português falado no Norte de Portugal com elementos de comparação com o Galego*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2002. p. 175-242.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F.; GOMES; D. K. A expressão fonética da terceira pessoa do plural no Português do Brasil: uma agenda de pesquisa para o tratamento da variável saliência fônica. In: Vieira, S. R. (org.) *A concordância verbal em variedades do Português: a interface Fonética-Morfossintaxe*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Vermelho Marinho, 2015. p. 102-145

VIEIRA, S. R.; BAZENGA, A. Patterns of third person verbal agreement. *Journal of Portuguese Linguistics*, 12 (2): 7-50, 2013.

VOTRE, S. J. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. Dissertação (Linguística) - Pontifícia Universidade Católica, 1978.

WEINREICH, U., LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for theory of linguistic change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (org.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97-195.

WILLIAMS, E. B. *Do latim ao português*. 3. ed. Rio de Janeiro: tempo Brasileiro, 1975.